

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

GABRIELA CARAFFINI PRETTO

**NA CRISTA DA ONDA**

O estado da arte da categoria de populismo em periódicos brasileiros (1990-2021)

PORTO ALEGRE

2023



GABRIELA CARAFFINI PRETTO

**NA CRISTA DA ONDA**

O estado da arte da categoria de populismo em periódicos brasileiros (1990-2021)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Orientador:** Prof. Dr. Alfredo Alejandro Gugliano

PORTO ALEGRE

2023

## CIP - Catalogação na Publicação

Pretto, Gabriela Caraffini  
Na crista da onda: estado da arte da categoria de  
populismo em periódicos brasileiros (1990-2021) /  
Gabriela Caraffini Pretto. -- 2023.  
68 f.  
Orientador: Alfredo Alejandro Gugliano.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência  
Política, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Populismo. 2. Estado da arte. 3. Análise de  
conteúdo. I. Gugliano, Alfredo Alejandro, orient. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELA CARAFFINI PRETTO

**NA CRISTA DA ONDA**

O estado da arte da categoria de populismo em periódicos brasileiros (1990-2021)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Orientador:** Prof. Dr. Alfredo Alejandro Gugliano

Porto Alegre, 26 de abril de 2023.

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA:

---

Thomás Zicman de Barros  
Institut d'Études Politiques de Paris  
Sciences Po, Paris

---

Hélio Ricardo do Couto Alves  
Departamento de Ciência Política  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Sofia Isabel Vizcarra Castillo  
Departamento de Ciência Política  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

One thing is certain: if the notion of "populism" did not exist, no social scientist would deliberately invent it (CANOVAN, 1981, p. 301)

## RESUMO

Neste trabalho, apresentamos um panorama do que foi publicado, entre 1990 e 2021, sobre a categoria de populismo em periódicos brasileiros. Considerando que, nos últimos anos, houve um crescente interesse no termo tanto na academia quanto na linguagem política, buscamos entender o que se publicou nos últimos 30 anos sobre o assunto. Assim, a partir do Portal de Periódicos CAPES, coletamos um banco de dados de 100 artigos com “populismo” no título e/ou palavras-chave. Para analisar esse corpus, combinamos técnicas quantitativas e qualitativas. Na etapa quantitativa, fizemos uma análise longitudinal do volume de publicações no período de tempo em questão. Em seguida, atentamos para as áreas do conhecimento que predominavam nestes trabalhos. Além disso, contabilizamos a frequência de certos termos que foram de nosso interesse, como líderes políticos, unidades territoriais e autores que viessem a ser mencionados nos resumos. Na parte qualitativa, realizamos uma Análise de Conteúdo Qualitativa, a fim de identificar a metodologia, o enquadramento teórico e os principais temas de cada trabalho. Como resultado, observamos que os estudos mais antigos priorizavam as análises sobre o populismo clássico na América Latina – casos como Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, por exemplo. Já nos trabalhos mais recentes, predominaram estudos sobre a extrema-direita no Brasil e no mundo. Além disso, foi possível observar que os trabalhos mais recentes se aproximaram da Análise do Discurso e das Teorias da Linguagem.

**Palavras-chave:** Populismo. Estado da Arte. Análise de conteúdo.

## ABSTRACT

In this work, we present an overview of what was published, between 1990 and 2021, about the category of populism in Brazilian scientific journals. Considering that, in the past few years, there has been a growing interest in this term, both in academia and in the political language, we aim to understand what was published in the past 30 years about this subject. Thus, we collected a dataset of 100 scientific articles, collected at *Portal de Periódicos da CAPES*, that had the word “populism” at the title and/or keywords. In order to analyze this corpus, we combined quantitative and qualitative techniques. At the quantitative stage, we conducted a longitudinal analysis of the volume of publications in this time range. Following that, we counted the frequency of certain terms of our interest, such as political leaders, territorial units and any authors that might have been mentioned. At the qualitative stage, we conducted a Qualitative Content Analysis, as to identify the methodology, theoretical framework and the main themes of each work. As a result, we noted that, in older articles, analyses classical populism in Latin America were prioritized – cases such as Getúlio Vargas and Juan Domingo Perón, for instance. However, in more recent works, there is a predominance of studies on the far-right in Brazil and worldwide. Furthermore, we noticed that, in recent years, the articles presented at the corpus have moved toward Discourse Analysis and Language Theories.

**Keywords:** Populism. State of the Art. Content Analysis.



O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil. 131064/2020-7

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.0 A CATEGORIA DE POPULISMO NO PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO</b>	<b>15</b>
1.1 FRANCISCO WEFFORT E O POPULISMO .....	17
1.2 OCTAVIO IANNI E O POPULISMO .....	20
<b>2.0 O POPULISMO LATINO-AMERICANO E GLOBAL (1990-2020)</b>	<b>23</b>
2.1 (NEO)POPULISMO E NEOLIBERALISMO .....	23
2.2 O POPULISMO NA ONDA ROSA.....	26
2.3 O POPULISMO COMO FENÔMENO GLOBAL .....	29
<b>3.0 A CATEGORIA DE POPULISMO NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS</b>	<b>35</b>
3.1 METODOLOGIA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE .....	35
3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	36
<b>4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Se houve um termo que despontou nos últimos anos, tanto na academia quanto na linguagem política cotidiana, foi o termo “populismo”. Como levantado por Rooduijn (2019), só em 2017 os termos “populismo” e “populista” foram empregadas 2.537 vezes pelo jornal *The New York Times* – ano no qual populismo foi escolhida como palavra do ano pelo *Cambridge Dictionary*. Nessa mesma esteira, ao passo que em 2010 foram publicados 76 artigos acadêmicos com “populismo” ou “populista” no título, de acordo com pesquisa no repositório *Web of Science*, em 2016 essa cifra passa para 208 e, em 2017, para 332. (ROODUIJN, 2019) Hunger e Paxton (2022), a partir de uma revisão sistemática, observaram um aumento significativo nas publicações na Ciência Política ainda em 2012, enquanto nas outras áreas esse aumento é visto a partir de 2016.

A que podemos atribuir a popularidade do termo nestes últimos anos? Se observarmos que essa popularização começa a partir de 2016, temos dois acontecimentos importantes neste período: o *Brexit* e a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos. No entanto, como afirma Rooduijn, “o atual fascínio pelo termo é [...] resultado do crescimento constante de partidos e políticos populistas ao redor do mundo”<sup>1</sup> (2019, p. 1, tradução livre) Ou seja, não foram apenas eventos isolados que culminaram nessa popularização do termo, mas sim um sólido crescimento de partidos e políticos populistas ao redor do mundo. Efetivamente, em todos os continentes nós podemos encontrar, hoje, ao menos um político que tenha recebido a alcunha de populista, fosse ela atribuída por opositores políticos, pela mídia ou por intelectuais. (MOFFITT, 2016)

Para Glynos e Mondon (2016), a popularização do populismo ocorre através de uma lógica política específica, que eles chamam de “*populist hype*”. *Hype* é um termo que não tem tradução exata para o português – tanto é que a palavra é utilizada como gíria na forma de verbo abreviado: “hypar”. *Hype* pode ser entendido como uma moda, mas cuja qualidade ou importância são exagerados pelo público. Isso pode acontecer com filmes, artistas e, de acordo com os autores, acontece com o populismo. Nesse caso, ocorre um exagero da importância política do populismo, como se essa fosse a maior ameaça à democracia que existe hoje. O tom apocalíptico que permeia a denúncia do populismo – que pode vir da mídia, de intelectuais e de outras figuras políticas – combina uma utilização pouco criteriosa do significado do populismo ao mesmo tempo que ofusca ameaças muito mais palpáveis e mordazes à democracia.

---

<sup>1</sup> No original, “the current allure of the term is [...] the result of the steady rise of populist parties and politicians all over the world”

Quer dizer, chamar uma liderança de extrema-direita de “populista”, de certa forma, funciona como um eufemismo. Ainda, coloca o populismo como principal ameaça à democracia, deixando de lado o potencial nefasto da xenofobia, violência política e fundamentalismo moral que são, de fato, a maior ameaça que a extrema-direita tem a oferecer.

Na mesma medida, atribuir à extrema-direita a alcunha de populista acaba por deslegitimar atores políticos populistas que, na verdade, não apresentam uma postura ameaçadora para a democracia. (DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018; LACLAU, 2006; MUDDE; KALTWASSER, 2012; MUDDE; ROVIRA KALTWASSER, 2013) Nesse sentido, esse eufemismo funciona a serviço da normalização da extrema-direita. Ou seja, partidos extremistas são assimilados ao sistema político tradicional e tendo suas pautas, por mais autoritárias, violentas e nativistas que sejam, acabam sendo legitimadas. Uma vez que esses partidos saem das margens, essas pautas acabam sendo incorporadas ao debate público ainda que constituam uma grave ameaça à própria existência do debate público. (ver AKKERMAN; DE LANGE; ROODUIJN, 2016; MONDON; WINTER, 2020)

Neste trabalho, veremos como essa popularização do populismo ocorreu nos periódicos científicos brasileiros. Antes, a observação feita por Ronderos e De Barros (2020) vale ser destacada: o *hype* populista brasileiro ocorreu décadas antes do atual *hype* global. De acordo com os autores, ainda na primeira metade do século XX, o Brasil já passava por um *hype* populista antecipado, quando a palavra populismo passou a integrar o léxico da classe política, da mídia e dos pensadores políticos.

No que se refere à produção intelectual sobre o assunto, os autores consideram que Hélio Jaguaribe e Francisco Weffort, sobre os quais discutiremos adiante, formularam contribuições importantes sobre esse período da história brasileira. Ainda, Ronderos e De Barros colocam os dois autores sob a mesma base teórica, a qual eles chamam de “bonapartismo”: é nas categorias de classe e massa, desenvolvidas por Karl Marx em *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*, que se fundamenta o populismo no Brasil. (RONDEROS; DE BARROS, 2020) Essa literatura, aliás, teve profundo impacto nas ciências sociais latino-americanas, com Octavio Ianni e Francisco Weffort, junto a Hélio Jaguaribe, como as principais influências brasileiras nesse debate.

Além dos pensadores políticos brasileiros, contudo, alguns políticos brasileiros também repercutiram na literatura sobre o populismo na América Latina. Líderes de diversos momentos da história brasileira, como Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, Leonel Brizola, e Fernando Collor (CAMMACK, 2000; DE LA TORRE, 2001; DI TELLA, 1973; GERMANI,

1973; PETRONE; MACKINNON, 1999) – sem esquecer dos contemporâneos Luís Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro. (CASULLO, 2019, 2020; GRIGERA, 2017)

Dessa forma, o Brasil se consagrou, sobretudo durante o “hype populista precoce”, como uma fonte tanto de casos quanto de produção intelectual sobre o populismo. Diante dessa observação, propõe-se o seguinte problema: considerando que temos hoje um *hype* populista a nível global, como se encontra o discurso acadêmico sobre o populismo no Brasil atualmente? Com vistas, portanto, a refletir sobre o discurso produzido pelos intelectuais brasileiros, buscamos analisar o que se publicou nos periódicos nacionais, entre 1991 e 2021, sobre a categoria de populismo.

Consideramos que, dada a relevância do Brasil no decorrer da longa tradição de estudos sobre populismo na América Latina, é desejável conhecer o estado da arte dessa categoria. Ademais, deve-se levar em conta que o populismo é, simultaneamente, um conceito e um significante. Por um lado, é um conceito no sentido de existir uma demanda, por parte da academia, de certo rigor e utilidade analíticos no uso dessa categoria. Por outro, é um significante na medida em que pode adquirir significados diferentes a depender de quem o enuncia, ou seja: como, por quem e por que o termo populismo é usado? (DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018)

Com este trabalho, temos como objetivo geral, justamente, a reflexão sobre o discurso e o percurso da produção acadêmica acerca do populismo. Os objetivos específicos, que balizam a parte empírica, são:

- a. Identificar as áreas do conhecimento predominantes;
- b. Avaliar a distribuição temporal das publicações;
- c. Identificar as abordagens teóricas e metodológicas predominantes;
- d. Identificar os casos e objetos de pesquisa mais frequentes; e
- e. Identificar quais conceitos são mobilizados em conjunto com a categoria de populismo.

Para tanto, analisaremos um corpus de 100 artigos acadêmicos, publicados em periódicos brasileiros, que contivessem a palavra “populismo” no título e/ou nas palavras-chave, entre os anos de 1991 e 2021. Esse corpus foi organizado na forma de um banco de dados, reunindo o resumo desses artigos e seus metadados – ou seja, as informações sobre o artigo em si, como nome dos autores, do periódico, ano de publicação etc.<sup>2</sup> Para analisar esses dados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo qualitativa. Para Schreier (2012, p. 3), a

---

<sup>2</sup> A forma como os dados foram coletados e organizados está detalhada no Livro de Códigos, disponível no Anexo A deste trabalho, que tem como referência o trabalho de Sampaio e Lycarião (2021)

Análise de Conteúdo Qualitativa é ideal para interpretar e descrever o significado das unidades de análise – sejam textos, imagens ou conteúdo audiovisual. Para a autora, a Análise de Conteúdo Qualitativa consiste, portanto, em um método de descrição sistemática dos *significados* de fontes qualitativas.

Krippendorff (2004) define análise de conteúdo da seguinte forma: “Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e replicáveis a partir de textos (ou outra fonte relevante) em relação aos *contextos* em que são usados” (2004, p. 18, grifo nosso, tradução livre) Ou seja, o olhar direcionado às unidades de análise em questão está sempre vinculado ao contexto no qual essas publicações aparecem.

Ainda, como pontua Bauer, a análise de conteúdo possui uma vantagem particular: trata-se de uma técnica que combina ferramentas qualitativas com quantitativas. Nas palavras do autor,

Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades” e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma *técnica híbrida* que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (2017, p. 190, grifo nosso)

Este trabalho, portanto, foi realizado em duas etapas: uma qualitativa e uma quantitativa. Na etapa qualitativa, com auxílio do software NVivo, os resumos dos artigos foram codificados de forma a extrair informações sobre o enquadramento teórico, a metodologia, objetos de pesquisa e, eventualmente, conceitos os quais os autores relacionam com populismo. Já a etapa quantitativa consistiu na análise dos metadados dos artigos, bem como as frequências simples de termos que foram de nosso interesse.

Como resultado, foi possível realizar uma análise longitudinal do *corpus*, identificando em quais períodos se publicou mais, a distribuição desses artigos entre as disciplinas e ao longo das três décadas que analisamos. Além disso, conseguimos identificar alguns eixos teóricos predominantes entre os artigos, a partir da análise qualitativa, bem como os objetos de pesquisa mais frequentes. Observamos que, além de um maior volume de publicações nos últimos anos, houve uma tendência maior de trabalhos que utilizam teorias e metodologias ligadas ao discurso e à linguagem. Também nos trabalhos mais recentes, a maioria dos casos analisados corresponde ao populismo extrema-direita, enquanto nos trabalhos mais antigos predominavam análises do populismo clássico, referentes ao casos da América Latina do século XX.

Os resultados serão discutidos em maior detalhe no capítulo 3, bem como os procedimentos metodológicos empregados em cada etapa da análise. No capítulo 1,

discutiremos a trajetória da categoria de populismo nos cânones do pensamento político brasileiro, com ênfase nas obras de Octavio Ianni e Francisco Weffort. Em seguida, no capítulo 2, trazemos um apanhado das teorias contemporâneas sobre populismo na América Latina e, mais recentemente, como um fenômeno globalmente difundido. Com isso, pretendemos avaliar o estado da arte da categoria de populismo na academia brasileira, considerando como pano de fundo o contexto político do período analisado e a intensa produção intelectual sobre o assunto ao redor do mundo.

## **1.0 A CATEGORIA DE POPULISMO NO PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO**

O termo populismo, de acordo com de Barros e Lago (2022, p. 33), passou pela seguinte trajetória: no início, ainda nos anos 1950 falava-se sobre populismo tão-somente na imprensa, e falava-se pouco. Mais tarde, o termo passou a integrar também o vocabulário dos políticos e, finalmente, virou objeto dos intelectuais. Além disso, a valência do termo também variou ao longo do tempo: se no início o populismo tinha uma carga positiva, não tardou a se tornar uma

ofensa. Para Gentile, o debate sobre populismo no período após a Segunda Guerra Mundial se resumia “a uma análise descritiva do discurso ideológico-político do liberalismo reacionário, conservador e anticomunista, para desacreditar o “inimigo” político populista, acusado de levar o Brasil a uma catástrofe com seus projetos de reforma social” (2020, p. 55)

Assim, uma vez que o termo chega aos pensadores brasileiros, nos interessa saber o que estava sendo dito. Antes, cabe delimitar brevemente quem são esses pensadores da política. Christian Lynch (2016), em sua cartografia do pensamento político brasileiro, traz dois sentidos possíveis para essa expressão: o sentido *lato* e o estrito. De acordo com sua definição, o pensamento político brasileiro em sentido amplo se refere ao “conjunto de ideologias de que nossa cultura política é composta” (2016, p. 75). Já no sentido estrito, a expressão faz referência à chamada “velha” ciência política, englobando os textos considerados canônicos no campo, do período anterior à especialização universitária da Ciência Política.

É no quadro do pensamento político brasileiro em sentido estrito que nos localizamos neste trabalho. Para isso, focaremos na compreensão dos autores clássicos que se dedicaram ao tema, com destaque para Francisco Weffort e Octavio Ianni, cujas contribuições são as mais robustas e amplamente difundidas nas Ciências Sociais latino-americanas. No entanto, é importante mencionar que outros autores que integram o cânone da “velha” Ciência Política também trabalham com a categoria de populismo, especialmente aqueles vinculados ao ISEB. Apesar disso, a ênfase será dada aos autores que mais se destacaram no tema.

Ainda assim, para melhor contextualizar o trabalho de Weffort e Ianni, faremos uma breve aproximação ao artigo de Hélio Jaguaribe, “*Que é o Ademarismo?*”, publicado nos Cadernos do Nosso Tempo, que analisa o cenário político que antecedeu as eleições de 1954 e a emergência do ademarismo como expressão brasileira do populismo. Neste texto, publicado pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas, o autor analisa o cenário político que antecedia as eleições de 1954, refletindo sobre a categoria de populismo à luz da emergência do político paulista Adhemar de Barros, ao qual corresponde, justamente, o ademarismo. Dessa forma, ele afirma que:

O populismo, de que o ademarismo é a expressão brasileira, constitui a manifestação política das massas que persistiram como tais, por não terem seus membros logrado atingir a consciência e o sentimento de classe e por tender a se generalizar, como protótipo da comunidade, o tipo psicossocial do homem-massa. (JAGUARIBE, 1981, p. 26)

Neste trecho, percebemos como a ideia de populismo está calcada na ideia de que existe uma massa que ainda não atingiu o estágio de *classe*, e estaria sujeita a ser manipulada por um líder. Angela de Castro Gomes, em sua interpretação do texto de Jaguaribe, destaca a



centralidade do líder, e não da estrutura partidária, na viabilização da candidatura de Adhemar. Ocorre, portanto, que é o líder quem sustenta o partido, e não o contrário. Fenômenos como ademarismo – e também o janismo e o getulismo – surgiram sob certas condições histórico-sociais: crise de hegemonia da classe dirigente, a emergência de um líder carismático e a consolidação de uma política de massas.

### 1.1 FRANCISCO WEFFORT E O POPULISMO

A trajetória intelectual de Francisco Weffort se inicia na graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, instituição à qual o autor permanecerá vinculado durante praticamente todo seu percurso acadêmico. Em 1964, apenas três anos após assumir o cargo de docente na USP, Weffort parte para Santiago do Chile, em virtude do Golpe Militar. No Chile, ele se associa ao Instituto Latino-Americano de Planificação Econômica e Social (ILPES) como professor e pesquisador. Já em 1968, com a tese *Populismo e Classes Sociais*, obtém o título de doutor também pela USP. Anos mais tarde, em 1977, torna-se livre docente na mesma universidade, apresentando a tese *Sindicatos e Política*.

Ainda na década de 1970, Weffort também se vincula ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), além de ter sido um dos fundadores do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec). No que se refere à vida pública, destaca-se o papel de Weffort no Partido dos Trabalhadores desde sua fundação, vindo a ocupar importantes cargos no interior do partido. Em 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso, assumiu o Ministério da Cultura.

Dentro do recorte proposto pelo trabalho, o ponto mais importante da trajetória intelectual de Francisco Weffort é a publicação, em 1978, de *O Populismo na Política Brasileira*. Nesta obra, o autor reúne textos escritos entre 1963 e 1971, cujo conteúdo é sumarizado da seguinte forma, ainda na nota introdutória:

Os estudos reunidos neste volume apareceram, alguns já há vários anos, como artigos que são hoje de difícil acesso; outros são capítulos de tese universitária. [...] Quando começam novamente a aparecer no horizonte os sinais de um possível ressurgimento das classes populares na política brasileira, talvez valha a pena voltar a refletir sobre as experiências do passado, afinal tão recente ainda. Esta é a razão que me levou a agrupar aqui estes pequenos ensaios sobre o Brasil que dão também lugar, especialmente na Segunda Parte do volume, a algumas referências a Argentina e outros países latino-americanos. (WEFFORT, [1978] 2003, p. 9)

O primeiro capítulo da coletânea, *Política de massas*, foi escrito originalmente em 1963, no período que antecedeu o Golpe Militar de 1964. Neste texto, Weffort realiza uma crítica à

concepção nacionalista do populismo – ou seja, as formulações desenvolvidas por intelectuais vinculados ao ISEB. O autor afirma que compreender o populismo tão-somente como uma forma pré-ideológica de manipulação das massas é uma interpretação elitista do fenômeno. A aproximação com a categoria de classe e a relevância do capitalismo como pano de fundo do fenômeno marcam sua crítica às interpretações nacionalistas e liberais, que atribuíam a prevalência de uma lógica pré-capitalista ao populismo. Essa lógica seria marcada, por um lado, pela “massificação” da classe trabalhadora, definida pela ausência de coesão interna e transformada, portanto, em *massa*. Por outro lado, haveria uma crise das classes dirigentes, que teriam sua “exemplaridade” questionada, além da figura de um líder carismático capaz de mobilizar – e, finalmente, manipular – as *massas*. (WEFFORT, [1978] 2003, p. 26)

No que diz respeito à própria ideia de “massas” e sua relação com a categoria de classe, Weffort afirma:

Em um de seus aspectos, o populismo brasileiro é, por certo, um fenômeno de massas. Mas, no sentido preciso de que classes sociais determinadas tomam, em dadas circunstâncias históricas, a aparência de massa. [...] Esta condição mais geral do populismo como fenômeno político – ou seja, a necessidade de uma relação especificamente política entre os indivíduos e o poder, que o caso do populismo toma a forma de uma relação entre o poder, e uma massa de indivíduos isolados entre si – só pode ocorrer no sistema capitalista. Deste modo, ao mesmo tempo em que reconhecemos no populismo um fenômeno de massas, temos de especificar em cada uma de suas formas sua natureza política, o que conduzirá, necessariamente, a uma especificação de classe (ibidem, p. 26-27)

Assim, Weffort oferece uma compreensão mais nuançada da aplicação dessas categorias à realidade política brasileira. Rejeitando, portanto, a explicação oferecida pelos nacionalistas, Weffort oferece sua própria definição do populismo: “o populismo é, essencialmente, a exaltação do poder público, é o próprio Estado colocando-se por meio do líder, em contato direto com os indivíduos reunidos na massa” (ibidem, p. 28)

Ou seja, o trunfo do populismo é a promoção da participação popular sob a égide de um líder que representa a possibilidade de inserção das massas na vida política. Dessa forma, o populismo é um fenômeno fundamentalmente político, e não pré-ideológico como postulavam os intelectuais nacionalistas. É na aproximação dos “indivíduos da massa” ao poder do Estado que o caráter político do populismo se evidencia.

Em seguida, no texto *Estado e massas no Brasil*, o autor direciona o olhar para o processo de modernização brasileiro, enfatizando justamente o papel do desenvolvimento do capitalismo no país. A partir da análise desse processo histórico-econômico, o autor delinea o contexto que criou as condições para o surgimento das “massas populares urbanas”. A estas massas foi atribuído o papel de conferir legitimidade ao Estado Novo, estabelecido após a crise das oligarquias e a Revolução de 1930. (ibidem, p. 54)

De fato, cabia às massas a legitimação do Estado, mas uma importante limitação estava atrelada a este papel: não havia espaço para o desenvolvimento de uma ação política autônoma.

Nas palavras de Weffort,

[as massas] são a raiz efetiva do poder, mas nesta mesma condição, não passam de “massa de manobra”. Conferem legitimidade a um chefe populista (e, por intermédio dele, ao Estado) pois servem de instrumento para a aquisição e preservação do poder, o que é particularmente útil quando nenhum dos grupos dominantes possui condições hegemônicas sobre os demais. Isto significa que as massas só podem servir de base para a legitimidade do Estado quando ainda permanece possível o compromisso entre os grupos dominantes. (ibidem, p. 63)

Levando em conta a consideração anterior de Weffort de que o populismo é um fenômeno político, ele também seria a consequência política da industrialização dependente do Brasil. Ademais, como destacam Mussi e Cruz, havia um impasse importante na dinâmica de poder: nenhum setor dominante logrou a exclusividade do poder político. Uma vez que essa dominação não se consolide, o terreno fica fértil para o surgimento do populismo. (MUSSI; E CRUZ, 2020)

O terceiro capítulo, de mesmo nome que a coletânea, teve sua primeira publicação em 1967. Neste artigo, Weffort retoma a crítica ao entendimento do populismo como mera manipulação das massas: este é apenas um aspecto do fenômeno, sendo ele muito mais complexo. É importante notar, ressalta o autor, que foi essa dinâmica entre as massas e as classes dominantes que permitiram que as insatisfações das classes populares pudessem ser vocalizadas e ouvidas. Nesse *estilo de governo* podemos observar a materialização das ambiguidades do próprio fenômeno, que “por certo, deve muito à ambiguidade pessoal desses políticos divididos entre amor ao povo e amor ao poder” (WEFFORT, 2003, p. 71)

Ainda no que diz respeito a esse estilo de governo, o autor ressalta o arranjo instável entre os grupos dominantes. Cabia ao governo a conciliação de interesses muito distintos, quando não contraditórios. As ambivalências que circundam a política conciliatória trazem, também, instabilidade. Como resultado, Weffort indica outro aspecto marcante do populismo:

a personalização do poder, a imagem (meio real e meio mística) da soberania do Estado sobre o conjunto da sociedade e a necessidade da participação das massas populares urbanas. Nessa nova estrutura o chefe de Estado assume a posição de árbitro e aí está uma das raízes de sua força pessoal. (ibidem, p. 78)

A instabilidade das alianças era compensada, portanto, pela imagem do líder, que incorporando o poder oriundo do Estado lograva realizar, de forma mais segura, o papel mediador. Além disso, o autor aborda a questão da passividade das massas diante dos direitos oferecidos pelo governo, a exemplo da legislação trabalhista de Vargas. Essa legislação é

entendida como, simultaneamente, “mecanismo regulador das relações entre empregadores e assalariados” e “mecanismo regulador das relações entre as classes sociais”. (ibidem, p. 83)

No entanto, para Angela de Castro Gomes, por mais que Weffort tenha tentado se afastar – e efetivamente rejeitar – a hipótese do populismo como manipulação das massas, em boa medida o entendimento do autor tendia a uma compreensão da classe trabalhadora como passiva e manipulável. O trabalho de Gomes é, em boa medida, direcionado a questionar a percepção das classes populares como inertes neste período da história. Como afirma a própria autora,

Mas do que efetivamente eu queria me afastar? Por um lado, queria recusar radicalmente as ideias de uma classe trabalhadora passiva e sem “uma verdadeira consciência”, sendo, por isso, manipulada e enganada por políticos cínicos e inescrupulosos que, sem bases partidárias, fundavam sua representatividade em prestígio pessoal. (GOMES, 2002, p. 59)

Sua tese de doutorado, que originou em 2005 o livro *A Invenção do Trabalhismo*, é um exemplo das mudanças ocorridas na historiografia brasileira a partir da década de 1980. A ênfase, então, passava a ser posta nos “excluídos”, – daí o foco da autora na ação política das classes trabalhadoras, outorgando-lhes um lugar de protagonismo na história. Com isso, o objetivo era fugir das explicações simplistas em relação ao papel dos trabalhadores durante a Era Vargas.

Assim, Gomes oferece a ideia de “pacto trabalhista” como alternativa para interpretar as relações entre Estado e trabalhadores durante o período. Essa categoria traria maior complexidade, com maior potencial explicativo do que os argumentos oferecidos pelos teóricos do populismo, uma vez que a imprecisão do conceito se coloca como um importante entrave analítico.

## 1.2 OCTAVIO IANNI E O POPULISMO

Octavio Ianni é outro intelectual oriundo da USP que se destacou nas investigações acerca do populismo. O autor também fez parte do Cebrap e, assim como Weffort, teve sua carreira marcada pela Ditadura Militar, tendo sido compulsoriamente aposentado da USP pelo AI-5. Dedicado aos temas do imperialismo, globalização e dependência, e adotando uma perspectiva marxista, Ianni buscou analisar o populismo a partir dessa ótica.

Antes de discutir com mais atenção a ideia de populismo, precisamos compreender o momento histórico que possibilitou o surgimento do populismo no Brasil – e, como o próprio autor destaca, em boa parte dos países da América Latina que passaram por processos semelhantes: o declínio da oligarquia.

O poder oligárquico, que estava vigente desde a formação dos Estados Nacionais latino-americanos, enfrentou uma crise provocada, principalmente, por dois fatores: os choques econômicos externos e a demanda, por parte das classes subalternas, de uma maior participação política. A crise do capitalismo mundial, cujo grande símbolo é o *crash* da bolsa de Nova York em 1929, acarretou num rearranjo dos fluxos de capital, o que atingiu em cheio as economias dependentes. A estratégia de recuperação adotada, não só no Brasil, foi a industrialização por substituição de importações – assim, os países poderiam se ver menos dependentes do capital internacional. Um dos efeitos dessa industrialização foi, justamente, uma maior demanda por mão de obra, que trouxe consigo um aumento expressivo na população urbana. (IANNI, [1975] 1989)

Todos esses processos levaram à transformação da composição interna da sociedade, com uma reestruturação das classes sociais diante de tantas mudanças. É em face a esse contexto que, para Ianni, criam-se as condições para o surgimento do populismo: o resultado das contradições entre o modelo econômico dependente e a sociedade nacional, inscritas no processo de modernização das sociedades latino-americanas. (IANNI, 1973)

Além disso, o eixo da política se desloca do campo para a cidade, onde há uma classe trabalhadora *em formação*. Nas palavras do autor,

Em primeiro lugar, as classes assalariadas do populismo, inclusive o proletariado, não participam da coalizão enquanto classes sociais autônomas, organizadas e politicamente conscientes da sua situação de classe. Ao contrário, são classes sociais *em formação*, quando as suas lutas estão muito mais motivadas por razões econômicas imediatas do que por questões políticas da classe ou da sociedade. (IANNI, 1989, p. 39)

Não são só as classes trabalhadoras, aliás, que estão em formação nesse contexto: para Ianni, a burguesia, além de se ver subalterna em relação ao capital estrangeiro, também é uma classe social em formação. Isso porque toda a estrutura de classes se reformulou ao longo dos processos de urbanização, industrialização e crescimento do setor terciário. Em meio a esse contexto, o movimento de massas toma forma, adquirindo tal força a ponto de ser decisiva no processo de derrocada das oligarquias.

Dedicado especialmente ao populismo na América Latina, Ianni define o fenômeno como “etapa específica na evolução das contradições entre a sociedade nacional e a economia dependente” Da parte do governo populista, era preciso forjar “uma nova combinação entre as tendências do sistema social e as determinações da dependência econômica”. Já as massas populistas, por sua vez, são o que torna possível a reestruturação do Estado, ou seja, possibilitam as mudanças institucionais propostas pelo governo populista. Além disso, há uma mudança nos valores culturais, diante da crescente separação entre os trabalhadores e os meios

de produção, resultando no processo político e sociocultural a partir do qual se formam as classes sociais na América Latina. (IANNI, 1989)

Finalmente, uma característica que se sobressai no populismo latino-americano é a sua semelhança com o bonapartismo. Dessa forma, o populismo seria um *intermezzo* na passagem da hegemonia oligárquica para a burguesa. Dentre os elementos do bonapartismo típico, estariam (i) um aparente equilíbrio entre as classes que fazem parte da aliança; (ii) a expansão do Poder Executivo; e (iii) esforços para coordenar o poder por fora do aparelho do Estado. Para Ianni, no entanto, haveria uma diferença importante no caso do varguismo e do peronismo:

“No bonapartismo, pois, o que parece ser essencial é uma situação de antagonismo de classes na qual a própria contradição e a impotência relativa das classes obrigam-nas a acomodarem-se entre si. Nesse caso, o controle do poder surge como um produto político paradoxal das contradições de classes [...] Não seria essa a situação no peronismo, nem no varguismo. Nos dois casos, as contradições principais eram as contradições entre a própria coalizão e as estruturas oligárquicas e imperialistas que se encontravam fora do poder.” (1989, p. 36)

Assim, uma vez que se conforma o movimento populista, ele se volta justamente contra a oligarquia – sendo, portanto, um dos fatores que a leva ao declínio. O declínio da oligarquia, diz Ianni retomando Weffort, forma um *vazio político*, conformando as condições para ascensão do movimento populista ao governo. Uma vez no governo, a tendência é a de se opor às estruturas de dependência, assim como priorizar um *desarrollo hacia adentro* em detrimento de um *desarrollo hacia afuera*, como argumenta Ianni, fazendo referência à terminologia da CEPAL. (1989, p. 111) Daí a dimensão do nacionalismo nesses movimentos.

No que diz respeito à aliança entre classes, o que se destaca é seu caráter paradoxal. Isso ocorre porque as classes que estão aliadas nessa coalizão pertencem a classes distintas – quer dizer, antagonicas. Essa aliança, que é uma das características chave da política de massas, é necessária uma vez que nenhuma classe possui força suficiente para exercer, sozinha, o poder. Nesse ponto, cabe resgatar a distinção que Ianni faz entre *populismo das massas* e *populismo das cúpulas* – ou seja, da burguesia. Enquanto o primeiro é desordenado, pouco estruturado e enredado no peleguismo, o segundo se destaca pelo papel de manipular e instrumentalizar as massas, preconizando a harmonia entre classes e a paz social. (1989, p. 95-114)

A barganha entre as classes é outro pilar no qual a aliança de classes se baseia: “Em nome do nacionalismo, por um lado, e da industrialização e reforma agrária, por outro, negam-se ou minimizam-se as contradições de classes” (1989, p. 114) Cabe à ideologia populista, portanto, esmaecer as diferenças entre essas classes, de forma a estabilizar a aliança.

Ao longo do varguismo, destaca Ianni, ocorreram várias fases e, nelas, diferentes configurações das alianças de classe. Tomemos como exemplo o varguismo: no período entre

1930 e 1937, “Vargas ensaiou uma democracia de bases populares, fazendo concessões simultâneas à classe média ao proletariado”. Já de 1937 a 1945, com o Estado Novo, o autor considera que Vargas instaurou uma ditadura. É nesse período, justamente, que se outorga a Consolidação das Leis do Trabalho, que formalizou relações trabalhistas e garantiu uma série de direitos aos trabalhadores. Finalmente, entre 1951 e 1954, período que se finda com o suicídio de Vargas, vê-se um governo conformado com as regras da democracia representativa, ao mesmo tempo que com uma forte oposição dos remanescentes da oligarquia. (1989, p. 77)

Nessa mesma obra, o autor ranqueia uma série de fenômenos que poderiam ser classificados como populismo: “movimento de massas, partido político policlassista, sindicalismo tutelado pelo poder público, liderança carismática, nacionalismo econômico, desenvolvimentismo, reformismo, governo populista, democracia populista, ditadura populista e Estado populista” (1989, p. 105) Esse exemplo mostra como Ianni costura diversas “locações” com o adjetivo populista. Neste ponto, resgatamos uma das críticas de Daniel Aarão Reis em relação à abordagem de Ianni – e que, em muito, ressoa nas críticas feitas por Angela de Castro Gomes, mencionadas anteriormente.

Em primeiro lugar, haveria uma descaracterização do movimento de trabalhadores ao nomeá-lo como populismo. Para Aarão Reis, isso é um apagamento das lutas travadas e da dinâmica interna de suas organizações. Novamente, as massas aparecem como manipuláveis e passivas diante de um Estado superconsciente, mas o que o autor destaca na obra de Ianni é o fato de utilizar, de forma indistinta, termos equivalentes a “populismo”, como evidenciado pelo trecho citado anteriormente. (REIS, 2001, 2011)

## **2.0 O POPULISMO LATINO-AMERICANO E GLOBAL (1990-2020)**

### **2.1 (NEO)POPULISMO E NEOLIBERALISMO**

O populismo clássico analisado por Weffort, Ianni e outros teóricos da dependência e da modernização se apresenta como um fenômeno datado, como um período específico da história. Como já foi discutido, esse período se caracterizou pelas políticas de substituição de importações e formação de alianças de classe diante da crise de regimes oligárquicos. No entanto, a partir da década de 1990, o termo populismo volta ao debate político, desta vez em um contexto no qual a agenda econômica era de perfil neoliberal. (DE LA TORRE, 1992; KNIGHT, 1998)

Para Héglio Trindade, a crise hiperinflacionária da década de 1990 foi um importante entrave no processo de transição após as Ditaduras Militares, principalmente no Brasil e na Argentina. Para o autor, esse cenário possibilitou a combinação entre populismo e neoliberalismo, o que seria um problema para a transição democrática:

O maior desafio das transições políticas é de que, no bojo do projeto neoliberal dominante, vingue o neopopulismo de direita de Collor e Menem e, na hipótese de fracasso, ressurgam com vigor o velho populismo de esquerda, como reação nacionalista e internacionalização da economia. (TRINDADE, 1991, p. 22)

Esses populistas – ou melhor, *neopopulistas* – seriam, para citar alguns casos, Carlos Menem (Argentina, 1989-1999), Fernando Collor de Mello (Brasil, 1990-1992) e Alberto Fujimori (Peru, 1990-2000). A partícula *neo* indica, simultaneamente, que se trata de um *novo* populismo, e também que sua política econômica é *neoliberal*, em vez de um modelo de industrialização por substituição de importações. O termo populismo é recuperado como tentativa de explicar as alianças de classe que se configuraram no período, observando casos nos quais se destaca uma liderança personalista. (DE LA TORRE, 2001)

O autor argumenta, ainda, que de fato, o populismo permanecia uma realidade na política latino-americana, sendo mais que somente uma etapa do desenvolvimento do capitalismo no subcontinente. Essa resiliência se explicaria, em primeiro lugar, pela exclusão socioeconômica da maior parte da população, assim como pela forma como os setores populares foram incorporados à política. (DE LA TORRE, 2001, p. 176) Ponderando que seu diagnóstico não é totalmente pessimista, o autor complementa seu argumento afirmando que:

Os líderes populistas continuam encarnando as aspirações dos de baixo e articulando objetivos simbólicos e culturais em oposição aos das elites. Os movimentos populistas, além disso, incluem parcialmente as demandas dos pobres e os protegem através do clientelismo e da patronagem. [...] É importante pontuar que o uso, ainda que demagógico, da retórica dos direitos cívicos e da democracia demonstram que eles nem sempre podem ser ignorados e levantam a possibilidade de implementá-los como práticas e discursos baseados em um sistema que respeite os direitos fundamentais.<sup>3</sup> (DE LA TORRE, 2001, p. 192, tradução livre)

Kurt Weyland (1996), por sua vez, limita o populismo a um fenômeno exclusivamente político: ele consiste tão-somente em uma *estratégia política* para conquistar e manter o poder, baseando-se no apelo de um líder carismático a uma massa heterogênea disponível para mobilização; na relação quase direta entre líder e seguidores, sem intermédio de instituições

---

<sup>3</sup> No original, “Los líderes populistas continúan encarnando las aspiraciones de los de abajo y articulando retos simbólicos y culturales en contra de las élites. Los movimientos populistas, además, parcialmente incluyen las demandas de los pobres y los protegen a través del clientelismo y patronazgo. [...] Es importante señalar que el uso, aunque sea demagógico, de la retórica de los derechos ciudadanos y de la democracia demuestran que éstos no siempre pueden ser ignorados y plantea la posibilidad de implementarlos como prácticas y discursos basados en un sistema que respete los derechos fundamentales.”



como partidos; e em uma rejeição *tout court* das instituições. Ademais, Weyland propõe que a opção pela agenda neoliberal se dá por conta do fracasso dos governos que antecederam os casos em questão, os quais deixaram um legado hiperinflacionário nas economias argentina, brasileira e peruana. Desse modo, ao dissociar o conceito de determinadas políticas econômicas e grupos sociais, o autor afirma que é possível compreender como Collor, Menem e Fujimori conseguem conjugar uma estratégia populista com uma política econômica neoliberal.

Entretanto, não é só porque a definição de Weyland exclui requisitos econômicos que o populismo de Collor, Menem e Fujimori é compatível com neoliberalismo. Na verdade, para o autor, existem algumas afinidades importantes entre essas categorias: tanto o neopopulismo da década de 1990 quanto o neoliberalismo apelam aos setores informais – os mais prejudicados pelo modelo de industrialização por substituição de importações – e buscam se distanciar das organizações da sociedade civil, por exemplo. (WEYLAND, 1996)

Alan Knight (1998) destaca uma outra interpretação do populismo que foi sugerida na época: o populismo macroeconômico de Dornbusch e Edwards (1991). De acordo com essa interpretação, o populismo é uma perspectiva econômica que prioriza o crescimento econômico e a redistribuição de renda em detrimento do risco de inflação e déficit fiscal. Essas políticas econômicas, baseadas na ideia de “*reactivation with redistribution*” – ou seja, reativação com redistribuição – aumentaria salários e poder aquisitivo da população, em um primeiro momento, mas teria como consequência o aumento da inflação, o que termina por reduzir o poder de compra. Finalmente, a tentativa de implementar uma política de redistribuição de renda acabaria levando a um cenário de austeridade e ajuste fiscal. (1991, p. 247–249)

Dornbusch e Edwards fundamentaram seu modelo explicativo a partir de dois casos: as políticas econômicas de Salvador Allende, no Chile (1970-1973), e de Alan García, no Peru. (1985-1990) De acordo com os autores, as consequências do populismo nesses dois casos foram desastrosas, prejudicando justamente aqueles que deveriam ser beneficiados. Knight, em contrapartida, considera que a visão de Dornbusch e Edwards é demasiado reducionista, pois iguala populismo a nada mais que uma política macroeconômica Keynesiana. A ponderação do autor é que, na verdade, esse tipo de política não é exclusividade do populismo. Haveria, também, uma forte carga normativa nessa interpretação, que reverbera no senso comum, no qual o populismo é um modelo irresponsável de fazer política econômica e, invariavelmente, um mal a ser combatido. (KNIGHT, 1998)

Carlos Vilas (2004), contudo, considera que a categoria de neopopulismo nada mais é que um estiramento conceitual do populismo. Para o autor, o populismo consistiu na conjugação específica de um tipo de desenvolvimento capitalista – industrialização por substituição de

importações, produção voltada ao mercado interno e ampliação da fronteira agrícola – com determinadas mudanças sociais -- êxodo rural, surgimento de organizações sindicais e demandas sociais por educação, saúde e infraestrutura. (VILAS, 2004) Ou seja, o autor defende que o populismo se refira tão-somente ao período histórico do populismo clássico, e o que haveria por trás do surgimento da categoria de neopopulismo seria, portanto, a redução do fenômeno a alguma de suas partes.

A origem da confusão que leva ao estiramento conceitual está, de acordo com Vilas, na obra de Ernesto Laclau (1977). Ao considerar o populismo como uma forma de discurso político, Vilas argumenta que Laclau trata o populismo com tamanho reducionismo a ponto de que qualquer líder político possa ser considerado como tal. O autor aponta, ainda, para outras formas de reducionismo presentes na literatura, como o de viés econômico, de acordo com o qual o populismo é somente uma “má política macroeconômica” – como o modelo proposto por Dornbusch e Edwards. (VILAS, 2004, p. 139) Existiria também o reducionismo personalista, cujo elemento principal consiste na existência de uma liderança carismática que busca relação direta com seus seguidores. O problema desses reducionismos, em síntese, é a capacidade de promover generalizações excessivas que esvaziam o valor analítico do conceito e acabam por agrupar casos demasiado distintos sob uma única insígnia.

Vilas complementa alegando que uma das maiores fragilidades da hipótese neopopulista é o fato de que ela foi deduzida a partir do caso de Fujimori, fazendo com que casos como Menem e Salinas de Gortari<sup>4</sup> não se encaixem de forma adequada. Além disso, o autor avalia que o conceito de neopopulismo seria apenas outra forma de dizer “democracia delegativa”, conceito elaborado por Guillermo O’Donnell. (1991) Assim, não só o conceito seria um caso de estiramento conceito, como também poderia ser substituído por outro já existente.

## 2.2 O POPULISMO NA ONDA ROSA

Logo após o final do ciclo do neopopulismo, em 1999, Hugo Chávez vence as eleições presidenciais na Venezuela. Anos mais tarde, em 2006, Evo Morales é eleito na Bolívia e, em 2007, Daniel Ortega e Rafael Correa são eleitos na Nicarágua e no Equador, respectivamente. Estes atores seriam considerados os principais exemplos da terceira geração de populismos na América Latina, caracterizados por um programa político que se opõe às políticas neoliberais

---

<sup>4</sup> Carlos Salinas de Gortari foi presidente do México entre 1988 e 1994, e é um dos casos citados por Vilas como exemplo. Fernando Collor não é mencionado pelo autor, mas Weyland pondera que este constitui, de fato, um caso particular que se diferencia dos demais. (WEYLAND, 1996, p. 22) Para uma análise detalhada sobre o caso mexicano, ver Knight (1998).

postas em prática por seus antecessores. Haveria, portanto, a promoção de uma agenda radical de esquerda. (KALTWASSER, 2014, p. 498)

Ainda nesse período, outros líderes de esquerda e centro-esquerda também chegaram ao poder em seus países, como o caso de Luís Inácio Lula da Silva no Brasil, do Kirchnerismo na Argentina, o Frente Amplio no Uruguai e o *Concertación* no Chile. Estes, no entanto, eram vistos como mais moderados em comparação aos casos anteriormente mencionados. Ernesto Laclau, por exemplo, considera que a dimensão institucional predominou na ruptura observada no Chile e no Uruguai. Os casos argentino e brasileiro, por sua vez, estariam numa posição intermediária. Já na Venezuela, a ruptura teria se dado de forma radical, assumindo a forma de uma ruptura populista. (LACLAU, 2006)

As características da ruptura populista são as seguintes: “uma mobilização equivalencial das massas; a constituição de um povo, símbolos ideológicos ao redor dos quais essa identidade coletiva toma forma (o bolivarianismo); e, finalmente, a centralidade do líder como fator aglutinante”<sup>5 6</sup> (LACLAU, 2006, p. 60, tradução livre) A ruptura ocorre, justamente, na direção de um projeto econômico e social oposto ao modelo anterior, com vistas a uma maior regulação estatal e participação política. Neste sentido, para Laclau, se percebia no caso da Venezuela um potencial não só de aprofundamento, mas também de inovação democrática.

Kurt Weyland (2013), no entanto, não via na Venezuela de Chávez esse potencial democrático. Na verdade, o que estaria em curso na Venezuela seria um afastamento da ordem democrática em direção a um autoritarismo brando. Além disso, Chávez teria inspirado outras lideranças na América Latina a seguirem uma agenda autoritária, que seriam os já mencionados Rafael Correa, Evo Morales e Daniel Ortega. Em que pese a retórica progressista empregada por esses atores, o que predominaria na prática seria o enfraquecimento das instituições políticas democráticas, através de reformas que inflam o poder executivo e utilizando-se frequentemente de referendos. Como destaca também Kaltwasser (2014, p. 502) o “lado obscuro do populismo” (*the dark side of populism*) é justamente o fato de substituir a deliberação e discussão públicas por aclamação plebiscitária.

Com efeito, para Weyland (2013), o populismo é absolutamente incompatível com a democracia. O personalismo, característica fundamental do populismo para o autor, teria como

---

<sup>5</sup> Na próxima sessão, abordaremos com a devida atenção a importante contribuição teórica de Ernesto Laclau para os estudos do populismo; por ora, nos detemos especificamente ao artigo *La deriva populista y la izquierda latinoamericana*, que trata sobre os casos discutidos nesta seção.

<sup>6</sup> No original, “una movilización equivalencial de masas; la constitución de un pueblo; símbolos ideológicos alrededor de los cuales se plasme esta identidad colectiva (el bolivarianismo); y, finalmente, la centralidad del líder como factor aglutinante”

consequência justamente o enfraquecimento das instituições, visto que elas seriam um entrave para a relação direta entre o líder e o povo. Ainda, o antagonismo, representado pela lógica de “*nós contra eles*”, seria outro fator de incompatibilidade com a democracia, uma vez que coloca a oposição em uma condição de inimigos.

Em particular, o autor ressalta que considera o populismo de esquerda mais perigoso que o populismo neoliberal dos anos 1990. Isso seria puramente por uma questão de oportunidades: os populistas de esquerda, ao contarem com mais apoio popular que os seus predecessores, conseguem perpetuar-se no poder com mais facilidade. Além disso, suas pautas estariam calcadas em problemas estruturais que a América Latina enfrenta, como desigualdade e pobreza, e não em problemas pontuais – no caso do neopopulismo da década de 1990, as crises econômicas hiperinflacionárias. (WEYLAND, 2013)

Kaltwasser (2014), por sua vez, acredita que haja uma relação ambivalente entre populismo e democracia na América Latina. Ainda que o populismo de esquerda tenha sido positivo em termos de participação política, não havia espaço para a contestação pública. O tensionamento é, na verdade, com a democracia *liberal*, não com a democracia em si. O ponto positivo é, sem dúvida, o fato de que grupos excluídos encontram espaço para defender pautas legítimas, bem como encontram uma identidade coletiva.

Nesse período, no entanto, o populismo não se restringiu à América Latina. Como observou Cas Mudde (2004), a partir da década de 1980 uma série de partidos classificados como populistas ganham espaço na Europa, como é o caso do Front National na França, do FPÖ na Áustria e o LPF na Holanda. O autor afirma, ainda, que pelo menos a partir da década de 1990, esse populismo se torna regular nos sistemas partidários da Europa ocidental – o que ele chama de *Zeitgeist* populista. Essa virada indicaria, portanto, a necessidade de formular uma nova abordagem para o conceito de populismo, que, da forma como estava posta, não dava conta da realidade que se impunha.

Doze anos mais tarde, Benjamin Moffitt (2016) não só reitera essa necessidade – que, por certo, se cumpriu em boa medida, uma vez que uma miríade de trabalhos foi publicada ao longo desse período –, como afirma que o populismo tomou dimensões globais. Além disso, o populismo se tornou relativamente perene, não podendo mais ser restrito a certas localidades ou períodos históricos. Neste livro, *The Global Rise of Populism*, o autor coloca em perspectiva casos de populismo em todos os continentes, e propõe ele próprio, assim como Mudde, uma nova abordagem do populismo.

Dos autores que citamos aqui nesta última parte – Kurt Weyland, Ernesto Laclau e Cristóbal Rovira Kaltwasser –, cada um representa uma abordagem distinta de como entender

o populismo. A proposta de Weyland convencionou-se a chamar de abordagem *estratégica*; a de Kaltwasser, em colaboração com Cas Mudde, abordagem *ideacionária*. A obra de Laclau, sem dúvida, influenciou todos os que vieram depois, mas sua proposta é seguida mais fielmente pelos autores da abordagem *discursiva*, *sociocultural* ou *performática*. Estas convenções aparecem cada vez mais presentes nos trabalhos sobre populismo, mas destacamos que no livro *The Oxford Handbook of Populism* (KALTWASSER *et al.*, 2017) estas abordagens se encontram devidamente elaboradas. É com base, principalmente, na organização deste livro que estruturamos a seção a seguir.

### 2.3 O POPULISMO COMO FENÔMENO GLOBAL

Alguns trabalhos sobre a teoria populista contemporânea têm dividido o campo em abordagens distintas (DE LA TORRE, 2019; KALTWASSER *et al.*, 2017; MOFFITT, 2020), com nomenclaturas que estão se tornando jargões. Essa é uma das formas encontradas de dividir e organizar a teoria de acordo com a definição de populismo que os autores constroem: seja uma ideologia, uma estratégia, um estilo político, uma performance ou uma lógica política.

Vale ressaltar que essas perspectivas não são, necessariamente, concorrentes: na verdade, uma perspectiva mais recente combina elementos da teoria ideacionária com a cultura política, que se aproxima à abordagem sociocultural. Nesses estudos, os pesquisadores buscam identificar atitudes populistas nos indivíduos, ou seja, buscando compreender as motivações do eleitorado ao votar em candidatos populistas. Dessa forma, essa abordagem desloca a ênfase da análise para o lado da *demanda* por populismo, em vez da oferta. (ver HAWKINS; ROVIRA KALTWASSER; ANDREADIS, 2020; KEFFORD; MOFFITT; WERNER, 2021)

#### 2.3.1 Abordagem ideacionária

Dentre as abordagens que mencionaremos, a ideacionária é sem dúvida a mais amplamente difundida. (MOFFITT, 2020; STAVRAKAKIS; JÄGER, 2018) A definição, desenvolvida por Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (MUDDE, 2004; MUDDE; KALTWASSER, 2017), entende o populismo sobretudo como uma ideologia. Essa ideologia, no entanto, é uma ideologia fina (“*thin-centered*”), o que quer dizer que ela não oferece uma visão de mundo completa: ela se baseia tão-somente no reconhecimento da existência de um povo, puro e autêntico, e uma elite corrupta, que se distinguem um do outro por critérios morais.

Sendo o populismo, portanto, uma ideologia fina caracterizada pelo antagonismo moralista entre povo e elite, quaisquer outras formas que esse fenômeno venha a assumir são absolutamente contingentes. Ou seja, progressismo, conservadorismo ou autoritarismo não são características inerentes ao populismo. Essas características seriam oriundas das ideologias densas (“*thick-centered*”) às quais o populismo costuma vir associado, ou seja, ideologias que apresentam uma visão de mundo ampla e consistente, como liberalismo, conservadorismo e socialismo. As ideologias densas funcionariam como uma espécie de “hospedeiras” para as ideologias finas, que constituem um conjunto de ideias mais restrito.

A vantagem principal dessa abordagem, portanto, é que tem o poder de explicar a maleabilidade do conceito de populismo, pois comporta os casos de populismo que não apresentam praticamente nenhuma semelhança entre si, como Donald Trump e Evo Morales, por exemplo. Isso é possível pela estratégia de definição mínima adotada pelos autores, conforme proposta por Sartori (1970). Essa conceptualização segue, assim, o formato dicotômico *either-or*: um ator político é ou não é populista e, se existe algo que pode ser chamado de populista, é preciso estabelecer sua diferença em relação a outros conceitos. Dessa forma, Mudde e Kaltwasser (2017) delimitam duas categorias que se distinguem do populismo: o elitismo e o pluralismo. O elitismo seria simplesmente a inversão moral do populismo – o povo visto como iletrado e a elite, virtuosa –, enquanto o pluralismo se difere pela organização da sociedade em diversos grupos, para além do dualismo povo-elite.

### **2.3.2 Abordagem político-estratégica**

Essa abordagem surge no contexto de declínio das explicações econômicas do populismo, que se mostraram defasadas e insuficientes diante dos populismos latino-americanos da década de 1990. Tendo isso em vista, Weyland (WEYLAND, 1999, 2017) procede com a proposta, como já vimos, de que o fenômeno do populismo é de natureza exclusivamente política, na qual se estabelece uma relação de antagonismo entre “povo” e “elite”. Para tanto, conta-se com um líder carismático e capaz de mobilizar seu eleitorado.

Assim, uma liderança individual e personalista seria um critério *sine qua non* para o populismo. Esse líder se coloca como externo à “elite política” tradicional e busca galvanizar as suas bases sem a mediação de quaisquer instituições. A relação do líder com o público procura ser o mais direta possível, através de meios de comunicação de massa ou, mais recentemente, pelas redes sociais. O resultado é uma sensação de cumplicidade entre líder e povo, aproximando-os de tal forma que a defesa do líder por parte de seus seguidores adquira

uma intensidade incompatível com outros modelos mais procedimentais de exercício do poder político.

É através dessa estratégia que os políticos populistas buscam o sucesso eleitoral, fundamentando-se no princípio de “uma pessoa, um voto”: ao mobilizar as bases eleitorais, o que se busca é arrebatá-los nas urnas, além de trazer legitimidade ao governo por meio de vitórias eleitorais expressivas. (WEYLAND, 2017)

Em termos epistemológicos, ao contrário do modelo *either-or* da abordagem ideacionária, a abordagem político-estratégica trabalha com graus de populismo. Ou seja, determinado ator político pode ser nada populista, muito populista ou mais ou menos populista. Para tanto, Weyland (2017) lança mão do enfoque de *fuzzy-sets* nas Ciências Sociais introduzido por Charles Ragin (2000). De acordo com o autor, essa perspectiva tem uma maior capacidade de captar as nuances que as manifestações empíricas do populismo apresentam por definição.

Assim, Weyland acredita resolver uma limitação epistemológica e metodológica da abordagem ideacionária: a manifestação do fenômeno do populismo é complexa demais para que se possa usar um conceito dicotômico. Por isso, uma análise baseada em graus é mais adequada para observar as “zonas cinzentas” do populismo. Além disso, outra crítica que Weyland faz à abordagem ideacionária é o fato de que a sua definição mínima negligencia o papel do líder personalista, que é central em sua perspectiva. O autor também critica a abordagem discursiva, que apresentaremos a seguir, por enfatizar demais o que os líderes dizem em detrimento do que eles efetivamente fazem. Isso é um problema pois muitas vezes as ações contradizem o discurso, algo que escapa da análise discursiva do populismo.

### **2.3.3 Abordagem discursiva**

Ernesto Laclau foi, sem dúvida, o principal divisor de águas na teoria populista, sobretudo a partir da obra *A Razão Populista* ([2005] 2018). Em sua sofisticada proposta teórica, que traz referências como a linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure e a psicanálise lacaniana, o autor considera populismo como uma lógica política. Isso significa que o que define o populismo não são seus conteúdos ou características enquanto movimento, mas sim a lógica através da qual essas características são articuladas. Seu enfoque, portanto, não é *ôntico*, mas *ontológico*. (LACLAU, 2018)

A lógica política descrita por Laclau tem as seguintes características: em primeiro lugar, sua unidade básica de análise é a categoria de demanda. Quando determinado grupo social

possui certas demandas, que não são satisfeitas pelo poder público, elas tendem a se articular de tal maneira que o conteúdo dessas demandas pouco importa. A existência de, por exemplo, uma demanda por iluminação em uma rua de determinado bairro, ao se encontrar com a demanda por mais linhas de ônibus neste mesmo bairro, tende a gerar um sentimento de solidariedade entre os moradores, o que, em última instância, torna essas demandas equivalentes. A lógica política do populismo é justamente essa: a articulação de demandas distintas que conforma o que Laclau chama de cadeia equivalencial de demandas.

Uma vez estruturada a cadeia equivalencial de demandas não satisfeitas, ocorre o surgimento de uma fronteira interna que dicotomiza o espaço social, identificando dois grupos opostos um ao outro. A partir desses dois processos, que são interdependentes, estão postas as condições de surgimento do populismo. Além disso, a equivalência entre os elementos constitutivos dessa cadeia, de certa forma, afunila-se ao ponto de poder ser representada por um significante vazio: uma única expressão lexical que comporta em si todo o significado posto pela cadeia equivalencial de demandas. É a partir dos significantes vazios que a construção discursiva da subjetividade popular se torna possível, mesmo que sua essência pareça demasiado frágil. Como pontua o autor,

A chamada “pobreza” dos símbolos populistas é a condição da sua eficácia política – visto que sua função é trazer para uma homogeneidade equivalencial uma realidade heterogênea, a única forma de fazê-lo é através da redução ao mínimo do seu conteúdo particular. No limite, esse processo atinge um ponto onde a função homogeneizante é realizada por apenas um nome: o nome do líder. (LACLAU, 2018, p. 40, tradução livre)<sup>7</sup>

O conceito de populismo para Laclau, portanto, é puramente formal, pois se refere à maneira como as relações se estruturam, e não às características destas relações. Em outras palavras, não há um conteúdo normativo intrínseco ao populismo, não sendo possível estabelecer um julgamento do fenômeno como essencialmente negativo ou positivo.

Seguindo a obra de Laclau e de Chantal Mouffe, sua colaboradora e esposa, estabelece-se a chamada Escola de Essex de Análise de Discurso. (HOWARTH; NORVAL; STAVRAKAKIS, 2000; TOWNSHEND, 2003) Dentro dessa tradição de pesquisadores, há uma notável dedicação no desenvolvimento teórico da categoria de populismo, bem como esforços na análise das suas manifestações empíricas. (DE CLEEN, 2017; STAVRAKAKIS *et al.*, 2018)

---

<sup>7</sup> No original, “The so-called ‘poverty’ of the populist symbols is the condition of their political efficacy – as their function is to bring to equivalential homogeneity a highly heterogeneous reality, they can only do so on the basis of reducing to a minimum their particularistic content. At the limit, this process reaches a point where the homogenising function is carried out by a pure name: the name of the leader.”



### 2.3.4 Abordagem sociocultural

A abordagem sociocultural do populismo, também chamada de abordagem relacional e performática, de certa forma aprofunda a perspectiva laclauiana ao mesmo tempo em que tenta torná-la mais “palpável”. Essa abordagem também se baseia no discurso, mas vai além ao analisar aspectos como sotaques, linguagem corporal, vestimentas, a (in)formalidade do discurso, entre outros. De forma a organizar analiticamente essa abordagem, Pierre Ostiguy (2009) introduz as noções de alto e baixo na política, que constituem um eixo ortogonal à dimensão direita-esquerda.

O eixo alto-baixo está diretamente relacionado com o conceito de *habitus* e a análise da construção social da estética e das práticas culturais no interior das classes sociais desenvolvidas por Pierre Bourdieu em *A Distinção: crítica social do julgamento* ([1979] 2011). De forma bastante sucinta, o baixo corresponde à cultura popular, enquanto o alto corresponde ao culto e ao erudito. Para Ostiguy, o populismo ocorre justamente na encarnação do baixo: no uso de gírias e linguagem informal, pouco apreço pelo decoro e referências constantes ao que é reconhecido como cultura popular. Já as elites políticas tradicionais – ou seja, o Outro – são identificadas com o alto, pelo uso de uma retórica mais professoral, polida e racional. (OSTIGUY, 2017)

O populismo, assim, se distingue pela valorização do baixo em detrimento do alto, que é visto como o tradicional na política. Assim, a performance do populismo consiste na provocação, no choque e no constrangimento em contraste com o que é tido como padrão adequado de comportamento. Dessa forma, os atores populistas demonstram que representam de forma autêntica aqueles que são excluídos pela pompa da política institucional:

“Traídos” por uma elite, atual ou do passado, bem educada e recatada – frequentemente retratada como hipócrita ou falsa – os políticos e partidos populistas afirmam, ruidosamente, de forma politicamente incorreta, e não raro de forma vulgar, que são os “heróis de combate” do povo (verdadeiramente) autêntico. [...] O populismo alega falar em nome de uma “verdade” ou “realidade” que não é aceita nos círculos oficiais do mundo. Se não há, portanto, algum tipo de “escândalo”, seja em termos de práticas políticas, comportamento público, tomada de posição ou modo de dirigir-se aos adversários, então não se trata realmente de um caso de populismo (OSTIGUY, 2017, p. 108, tradução livre)<sup>8</sup>

<sup>8</sup> No original, “ ‘Betrayed’ by a current or previous well-educated and proper elite – often painted as hypocritical or false – the populist politicians and parties claim, loudly, politically incorrectly, and often vulgarly, to be that (truly) authentic people’s ‘fighting hero’. [...] Populism claims to speak on behalf of a ‘truth’ or ‘reality’ that is not accepted in the more official, larger circles of the world. If there is not thus some kind of “scandal”, whether in terms of policy practices, public behavior, positions championed, or mode of addressing adversaries, then one is not really looking at a case of populism

Ainda no que se refere ao eixo *alto-baixo*, também encontramos formas de exercício do poder político particulares a cada uma dessas dimensões. Para Ostiguy, o alto está relacionado com um exercício procedimental e institucionalizado do poder político, enquanto o baixo se refere a uma relação direta e personalista com o público, de forma bastante semelhante à descrição de Weyland (2017) que vimos anteriormente. Ostiguy afirma, ademais, que a distinção entre a autoridade nos moldes do alto e do baixo pode ser entendida também nos termos weberianos, respectivamente, de dominação legal-racional e dominação carismática.

O que é central, de fato, nessa concepção de populismo, é o seu aspecto relacional. Se até agora mencionamos suas estratégias performáticas e apelos estéticos, é porque estes provocam uma identificação profunda entre líder e povo, resultando em uma relação de proximidade e afetuosidade – em outras palavras, uma forma particular de *rapport*. Outra dimensão desse aspecto relacional é a hostilidade para com o Outro, que também é constitutiva do fenômeno do populismo.

Outro autor que se destaca nesta abordagem é Benjamin Moffitt (2016), que considera o populismo como um “estilo político” e aprofunda os aspectos performáticos desenvolvidos por Ostiguy. De acordo com Moffitt, o estilo político pode ser entendido como “os repertórios de performances incorporadas, simbolicamente mediadas, feitas para uma plateia, que são usadas para criar e navegar pelos campos de poder que comportam o político, expandindo-o do domínio governamental para a vida cotidiana” (2016, p. 42, tradução livre)<sup>9</sup>

Ou seja, o populismo consiste em uma atuação, um espetáculo protagonizado pelos atores políticos que incorporam elementos, condensados em um determinado estilo, e os apresentam para um público. Essa performance ocorre através de três aspectos: o primeiro é o antagonismo entre o Povo e a Elite, como já foi pontuado por diversos outros autores que vimos até agora. Uma segunda característica é o equilíbrio entre normalidade e extraordinariedade (*ordinariness* e *extraordinariness*) na pessoa do líder, que ao mesmo tempo que apresenta atributos de um ser humano superior, capaz de representar o povo como nenhum outro, também é visto como uma pessoa comum, como “um de nós”. Por fim, há também a tríade crise-colapso-ameaça, na qual ocorre a performance de uma crise para apontar um inimigo e sustentar o antagonismo social, bem como a necessidade de uma ruptura – neste caso, a ruptura sendo a ascensão de uma liderança ou partido populista ao poder.

---

<sup>9</sup> No original, “the repertoires of embodied, symbolically mediated performance made to audiences that are used to create and navigate the fields of power that comprise the political, stretching from the domain of government through to everyday life”

### 3.0 A CATEGORIA DE POPULISMO NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS

#### 3.1 METODOLOGIA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Como já mencionamos na introdução, para analisar os dados coletados, procederemos com uma parte quantitativa e outra qualitativa. Com efeito, a técnica de análise de conteúdo possui a vantagem de combinar aspectos quantitativos e qualitativos, o que nos levou a optar pela divisão dos resultados dessa forma. Os materiais coletados passaram por um primeiro tratamento no software NVivo, no qual foi possível identificar e codificar aspectos de nosso interesse nestes trabalhos, ou seja: a metodologia empregada, os objetos de pesquisa, o enquadramento teórico e quaisquer conceitos relacionados que fossem mobilizados. Além disso, com o auxílio do NVivo, nuvens de palavras sobre cada categoria foram criadas, o que enriquece a análise qualitativa do corpus.

Neste trabalho, propomos uma *aproximação ao estado da arte*, que busca recuperar o que já foi escrito para refletir sobre o sentido de cada uma das unidades de análise, bem como as conexões entre essas unidades. (VARGAS; HIGUITA; MUÑOZ, 2015) Por certo, só os resumos não dão conta de tudo que os autores defendem em seus trabalhos, mas eles são um ponto de partida para uma visão geral do estado da arte da categoria de populismo.

##### 3.1.1 Construção do banco de dados

Os artigos retirados do Portal de Periódicos da CAPES foram organizados no banco de dados, primeiramente, com os seus *metadados*. No Anexo B deste trabalho, relacionamos os periódicos pesquisados, sua área de conhecimento prioritária, instituição e o número de artigos coletados de cada periódico. Em seguida, foram discriminados o nome dos autores, o título do artigo, o periódico de publicação, o ano de publicação e o resumo do artigo. Por fim, foram coletados outros dados sobre o primeiro autor de cada artigo, conforme o quadro 1. Os metadados foram transformados em variáveis categoriais, que por sua vez foram tratados no software SPSS.

**Quadro 1** – Metadados dos artigos

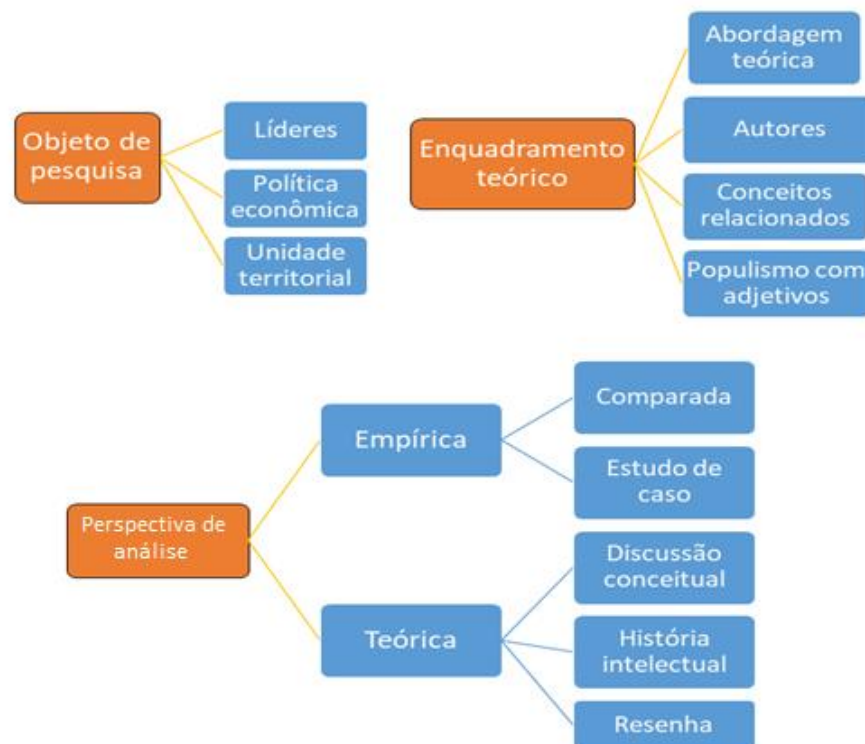
Área	Área de formação mais alto do primeiro autor
Ano	Ano de publicação do artigo

**Fonte:** elaboração própria

Estes dados foram utilizados na etapa quantitativa da análise, o que nos permitiu visualizar a distribuição das publicações sobre a categoria de populismo ao longo do tempo, bem como as áreas do conhecimento que se destacam nesse corpus. Para o tipo de estudo proposto, consideramos que o tratamento mais adequado para os dados é uma observação longitudinal de cada uma das variáveis.

Na etapa qualitativa, os trabalhos passaram por uma leitura exploratória, para em seguida terem seus resumos codificados. Na figura 1, sistematizamos os códigos que basearam nossa investigação, ou seja, as informações que estávamos buscando em cada unidade de análise.

**Figura 1** – Estrutura de códigos

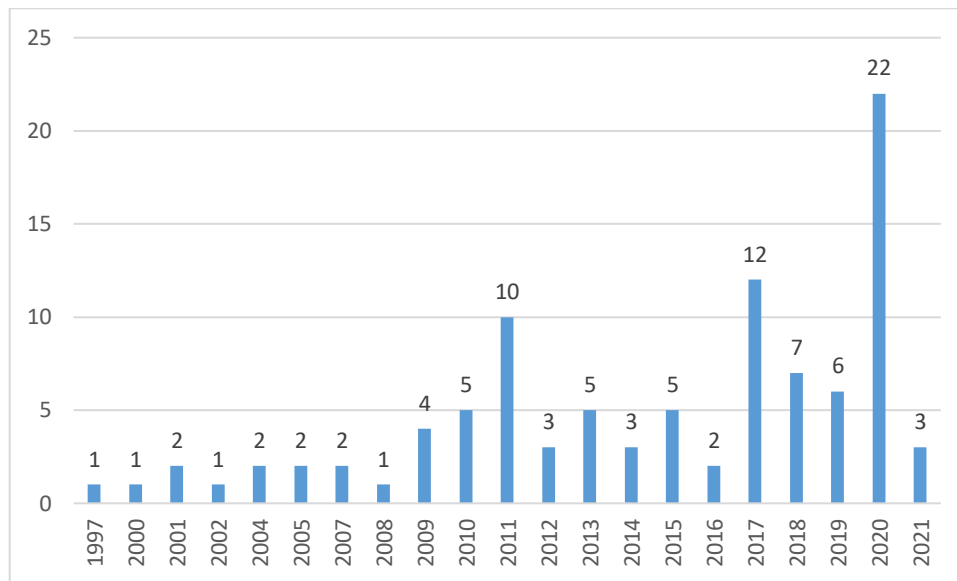


**Fonte:** elaboração própria

## 3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 3.2.1 Análise dos metadados – Frequências

#### 3.2.1.1 Frequência por ano

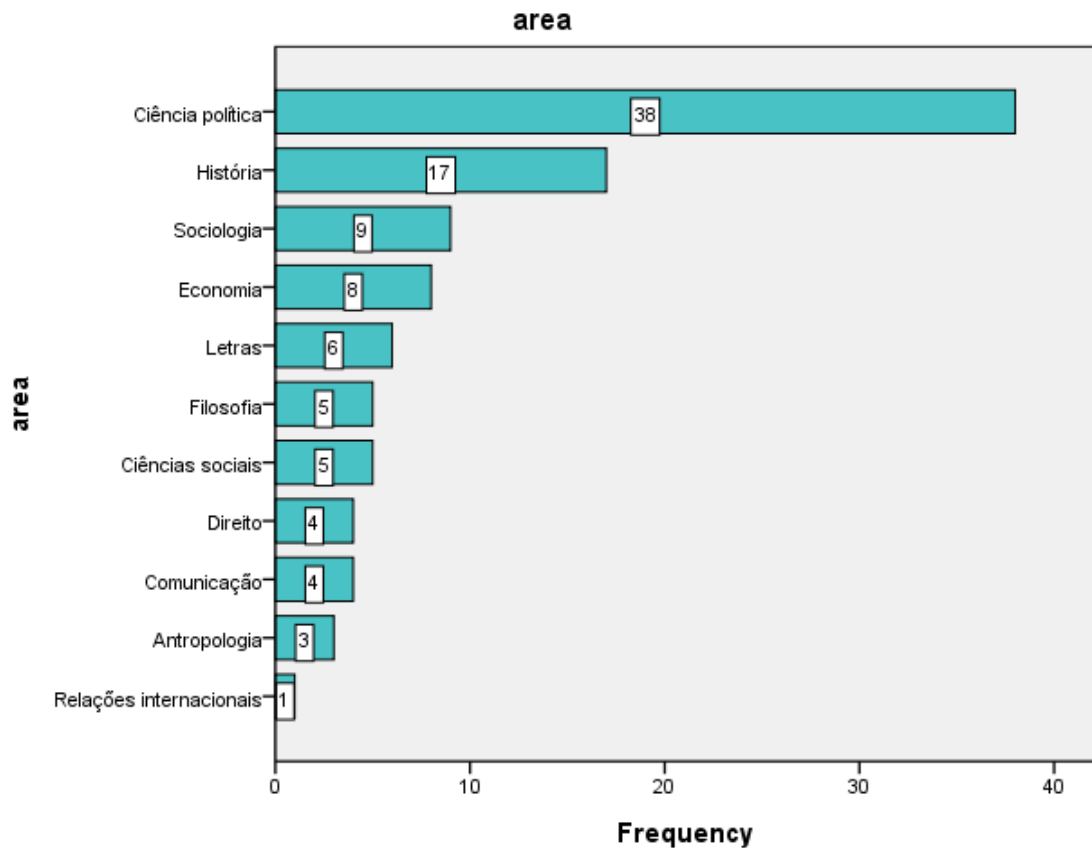
**Gráfico 1** – Frequência por ano

**Fonte:** elaboração própria

No gráfico 1, observamos a quantidade de artigos que foram publicados em cada ano. De início, podemos notar três picos de publicações: em 2011, 2017 e 2020, este último com um número bastante superior que os outros anos. Alguns acontecimentos políticos parecem ter inspirado o maior número de publicações: respectivamente, o populismo de esquerda da Onda Rosa; a eleição de Trump e o *Brexit*; e a eleição de Jair Bolsonaro. Esses temas serão avaliados com detalhe na seção qualitativa, mas adiantamos que, de fato, esses eventos repercutiram nas publicações sobre populismo.

Por ora, é possível observar pela distribuição do gráfico que existem mais publicações sobre populismo publicadas a partir de 2017. Considerando que o banco de dados foi construído a partir de um repositório virtual, não é possível afirmar com certeza que atualmente se publica mais do que antes sobre populismo, uma vez que muitos periódicos não estão digitalizados – sobretudo das décadas de 1990 e 2000. No entanto, o ano de 2020 se destaca em relação aos demais, em consonância com as revisões e levantamentos bibliográficos já citados. (HUNGER; PAXTON, 2022; ROODUIJN, 2019)

### 3.2.1.3 Frequência por área

**Gráfico 2** – Frequência por área do conhecimento

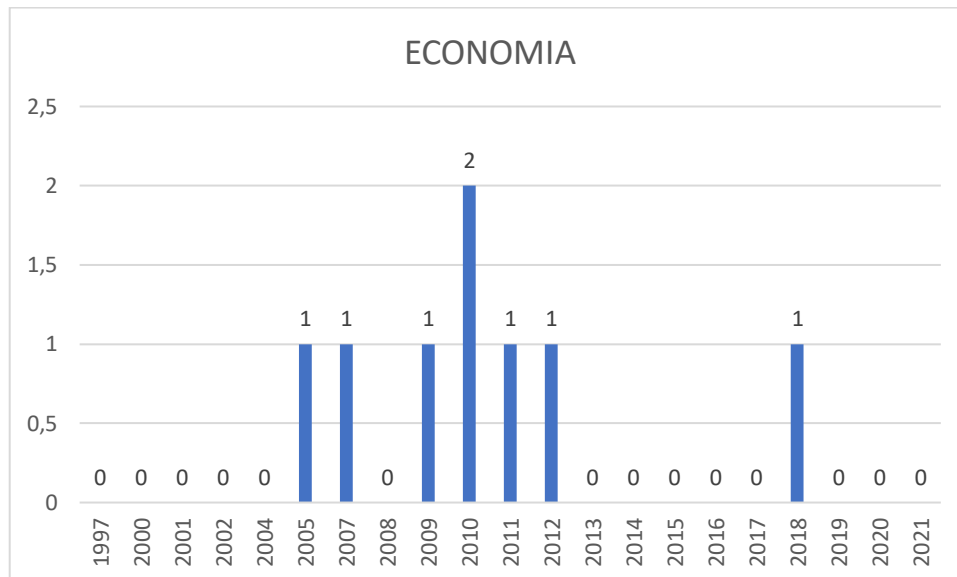
**Fonte:** elaboração própria

Dentre as áreas, a Ciência Política se destaca com mais que o dobro de publicações que a segunda área mais frequente, História. De fato, a teoria sobre populismo sempre esteve mais próxima desses dois campos do conhecimento, mas queremos destacar duas outras áreas que figuram entre as cinco primeiras: Economia e Letras. Por mais que, em números absolutos, haja poucos artigos publicados nessas áreas, a trajetória dessas publicações ao longo do tempo merece ser destacada.

A comparação entre essas duas áreas serve não como evidência causal, mas como uma ilustração de uma tendência que observamos ao longo da análise. Em primeiro lugar, a relação entre populismo e políticas econômicas aparece cada vez menos ao longo do tempo. Conforme o Gráfico 3, entre 1997 e 2012 temos sete trabalhos da área de Economia que falavam sobre populismo. De 2013 em diante, houve apenas uma publicação. No capítulo anterior, discutimos sobre como alguns autores consideram que a explicação econômica do populismo é insuficiente para dar conta do fenômeno. Por mais que os números sejam modestos e sem pretensão alguma

de significância estatística, o padrão de publicações sobre populismo na área de Economia se assemelha ao quadro teórico discutido.

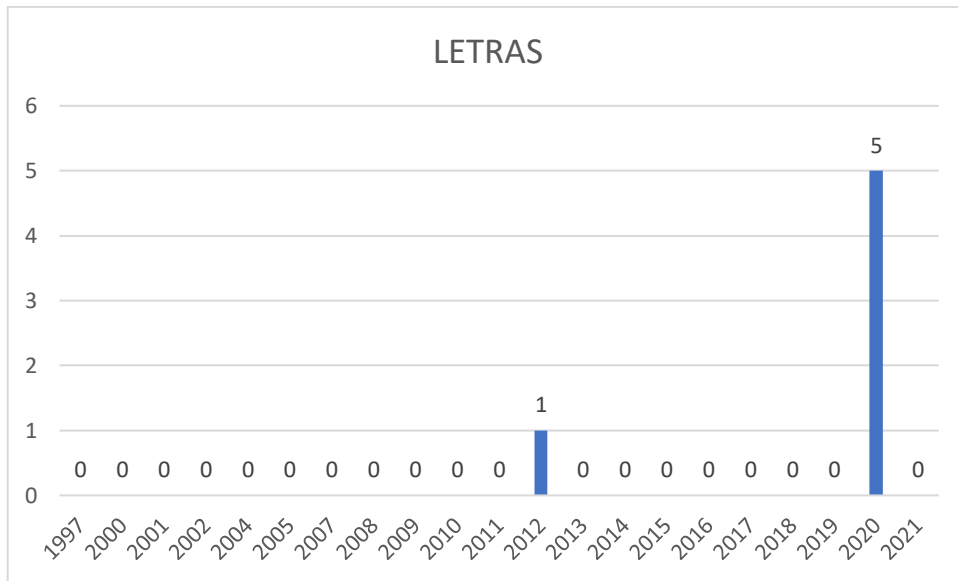
**Gráfico 3** – Publicações na área de Economia



**Fonte:** elaboração própria

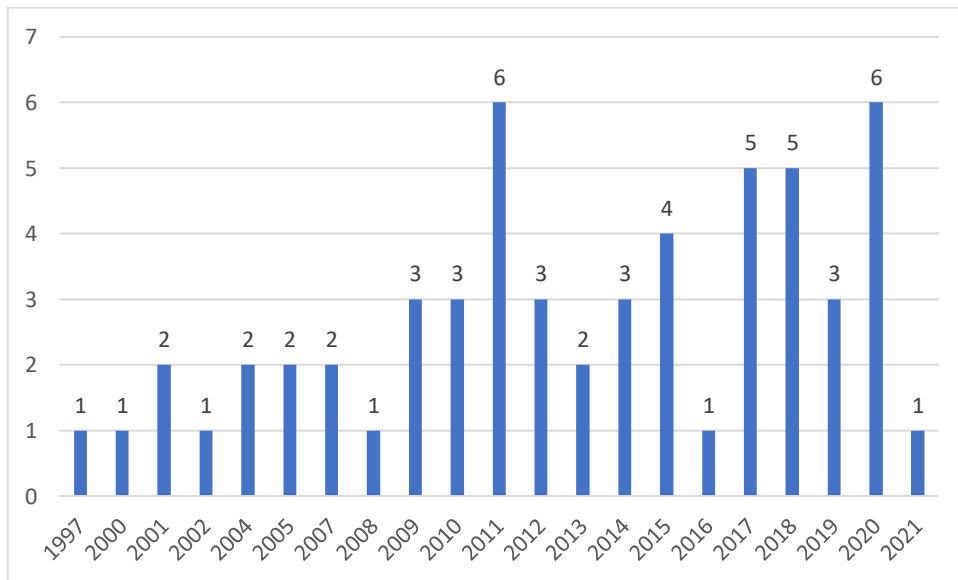
Em contrapartida, a primeira ocorrência de um artigo da área de Letras sobre populismo foi em 2012, conforme observamos no Gráfico 4. Só em 2020, após oito anos sem publicação alguma, publica-se um dossiê sobre populismo no periódico *Trabalhos em Linguística Aplicada*, da Unicamp, dedicado ao tema “Mecanismos digitais e semióticos dos populismos contemporâneos”. Nos cinco trabalhos recuperados desse dossiê, observamos a ênfase na análise do discurso político, no que muito ressoa a influência de Laclau. Podemos inferir, portanto, que o interesse pelo tema do populismo extrapolou as áreas das quais geralmente é objeto. Considerando que existe uma ligação consolidada entre populismo e discurso, sobretudo graças à obra de Laclau, observamos que, no Brasil, o campo de Letras também tem demonstrado interesse em destrinchar esse fenômeno.

Ou seja, enquanto houve um declínio nas publicações sobre populismo na área de Economia, houve um interesse notório nos estudos sobre o fenômeno na área de Letras. Estas duas tendências ilustram a tendência que discutimos no capítulo anterior, em que destacamos a influência de Ernesto Laclau e sua abordagem discursiva a partir da publicação de *A Razão Populista*, em 2005.

**Gráfico 4** – Publicações na área de Letras

Fonte: elaboração própria

### 3.2.1.4 Diversidade de áreas do conhecimento abordando o populismo por ano

**Gráfico 5** – Diversidade de áreas do conhecimento abordando o populismo por ano

Fonte: elaboração própria

Ao analisar a distribuição temporal das publicações sobre o tema do populismo, como exposto na seção 3.2.1.1, um questionamento veio à tona: com o aumento do número de publicações, houve uma ampliação das áreas do conhecimento dedicadas ao tema? Em outras palavras, esse aumento se concentrou em algumas áreas específicas ou se expandiu para outras?



Para responder a essa questão, contamos quantas áreas do conhecimento aparecem em cada ano no corpus.

Conforme vimos no Gráfico 2, foram registrados, ao todo, artigos em 11 áreas distintas. No Gráfico 5, podemos notar que em 2011 e 2020 houve ocorrências em seis áreas diferentes do conhecimento, enquanto em 2017 e 2018 foram cinco áreas distintas. Isso significa que, por exemplo, em 2011 foram publicados nove artigos sobre populismo distribuídos nas seguintes áreas: História (4), Ciência Política (1), Antropologia (1), Ciências Sociais (1), Sociologia (1) e Economia (1). Já em 2020, foram publicados 22 artigos, que se distribuíram nas áreas de Ciência Política (10), Letras (5), Sociologia (2), Comunicação (2), História (2) e Filosofia (1). Dessa forma, percebemos que não somente os picos de publicação abarcaram diferentes disciplinas, mas as publicações na última década, como um todo, também. A média de disciplinas entre 1997 e 2010 foi de 2,4, aumentando para 3,5 entre 2011 e 2021.

### 3.2.2 Análise de conteúdo – Frequências

#### 3.2.2.1 Perspectivas de análise

**Tabela 1** – Perspectivas de análise

<b>EMPÍRICA</b>	Estudo de caso	38	<b>49</b>
	Estudos comparativos	11	
<b>TEÓRICA</b>	Discussão conceitual	26	<b>45</b>
	História intelectual	10	
	Resenha	9	
Total			<b>94*</b>

\* 6 missing. Fonte: elaboração própria

Partindo para a análise de conteúdo, identificamos as perspectivas de análise empregadas nesses artigos. Por estudos empíricos, entendemos aqueles que se dedicavam à análise de governos, lideranças ou partidos específicos, fosse na forma de um estudo de caso ou de análises comparativas. Por estudos teóricos, em contrapartida, consideramos todos aqueles que se debruçavam sobre questões da própria teoria do populismo. Nestes trabalhos, predominaram as discussões sobre a definição de populismo, seus desafios epistemológicos e

operacionais, além de estudos sobre a trajetória intelectual de autores dedicados ao tema, como Francisco Weffort e Ernesto Laclau. (SILVA, 2014; MUSSI; E CRUZ, 2020)

Em seis dos trabalhos analisados não foi possível identificar qual foi a principal perspectiva de análise empregada, mas os restantes puderam ser classificados conforme indicado na Tabela 1. Os resumos foram codificados a partir de cinco categorias: estudos de caso e estudos comparativos; discussão conceitual, história intelectual e resenha.

### 3.2.2.2 Objetos de pesquisa

Nesta parte da análise, buscamos identificar quais os principais casos dos estudos empíricos, ou seja, aqueles que foram mobilizados em estudos de caso ou estudos comparativos. Para tanto, obtivemos as frequências simples dos líderes políticos e unidades territoriais mencionados nos resumos. Aqui, tratamos apenas daqueles que foram definidos como objetos de pesquisa, excluindo quaisquer nomes ou unidades territoriais citadas apenas como exemplo.

**Tabela 2 - Líderes**

<b>LÍDERES</b>	<b>F</b>
Jair Bolsonaro	7
Getúlio Vargas	7
Donald Trump	5
Luís Inácio Lula da Silva	4
Hugo Chávez	3
Juan Domingo Perón	4
Carlos Menem	3
João Goulart	2

**Fonte:** elaboração própria.  
Foram considerados apenas  $F > 1$ .

Na tabela 2, vemos quantas vezes o nome desses líderes foi citada. No que se refere aos resultados, vemos que o caso mais frequente foi o de Jair Bolsonaro, seguido por Getúlio Vargas, ou seja, um líder contemporâneo e um líder do passado. Em seguida, vemos Donald Trump e Juan Domingo Perón, dois atores que são facilmente relacionáveis com os dois primeiros, citados anteriormente. Assim, dentre os quatro casos mais frequentes, temos praticamente dois exemplares de dois fenômenos específicos: o populismo clássico do início do século XX e o populismo de extrema-direita que se popularizou nos últimos anos.

**Tabela 3** - Unidade Territorial

<b>Unidade territorial</b>	<b>F</b>
Argentina	8
Brasil	6
EUA	5
México	4
Espanha	4
Peru	2
América do Sul	2
Chile	2
São Paulo	2
Venezuela	2

**Fonte:** elaboração própria. Foram considerados apenas  $F > 1$ .

Já na Tabela 3, observamos quais as unidades territoriais foram objeto de estudo nos artigos do corpus. Seja em estudos de caso ou análises comparadas, o caso argentino é o mais frequente, superando o próprio Brasil. Em geral, fica evidente a tendência a estudos sobre a América Latina, com exceção da Espanha e dos Estados Unidos. Vale ressaltar, ainda, que todos os artigos que tomaram os Estados Unidos como objeto trataram de Donald Trump, diferentemente dos artigos que tratam sobre a Argentina, nos quais encontramos Perón e Menem.

### 3.2.2.3 Populismo com adjetivos

**Tabela 4** – Adjetivações associadas ao termo “populismo”

<b>Adjetivos</b>	<b>F</b>
de direita	12
de esquerda	5
neopopulismo	5
autoritário	3
econômico	2
digital	2

de extrema-direita	2
--------------------	---

**Fonte:** elaboração própria. Foram considerados apenas  $F > 1$ .

Com esta categoria, procuramos entender de que forma se adjectiva o populismo, visto que não é raro que conceitos da Ciência Política venham acompanhados de adjetivos. Primeiro, destacamos os adjetivos de orientação ideológica: foram quatro ocorrências de “populismo de direita”, mais duas de “populismo de extrema-direita”. Já “populismo de esquerda” teve três ocorrências, o que reforça a ideia de que o populismo de direita despertou maior interesse da literatura do que o de esquerda. Esses dados refletem a tendência das publicações mais recentes, que priorizam os atores populistas de direita e extrema-direita nas suas investigações.

#### 3.2.2.4 Autores

**Tabela 5** – Autores citados no resumo

<b>Autores</b>	<b>F</b>
Ernesto Laclau	7
Francisco Weffort	6
Octavio Ianni	4
Antonio Gramsci	2
Chantal Mouffe	2
Letícia Cesarino	2

**Fonte:** elaboração própria. Foram considerados apenas  $F > 1$ .

Entendemos que, tratando-se de resumos acadêmicos, não é comum a citação de autores. No entanto, não pudemos deixar de notar que diversos artigos do corpus o fizeram, e esse poderia ser um indicativo da abordagem teórica dos autores. Além disso, como observamos, alguns desses trabalhos tratavam justamente da trajetória intelectual dos autores, ou seja, tomavam a sua obra como objeto de pesquisa. Por isso, consideramos relevante esmiuçar também esses dados obtidos.

O autor mais citado é Ernesto Laclau, que sem dúvida é o autor mais destacado do campo de estudos sobre populismo. Notamos também que Chantal Mouffe, sua colaboradora, foi citada duas vezes. Em seguida, Francisco Weffort é citado seis vezes, ao passo que Octavio Ianni é citado quatro vezes. Esse dado reforça a importância desses dois autores no desenvolvimento da teoria populista no Brasil, demonstrando que sua influência segue reverberando entre os pesquisadores no país.

Por fim, ressaltamos ainda que Letícia Cesarino, professora adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, foi citada duas vezes. A autora tem se dedicado a compreender as interações entre populismo, pós-verdade e desinformação.

### **3.2.3 Análise de conteúdo qualitativa**

Nesta seção, apresentamos a análise qualitativa dos resumos do nosso corpus. A primeira impressão geral é que existe uma forte associação ao populismo como ameaça à democracia, sobretudo nas discussões mais recentes. Vemos também que essa associação se dá nos casos de atores de extrema-direita contemporâneos, como Bolsonaro e Trump. Posto de outra forma, esses líderes de extrema-direita são considerados ameaças à ordem democrática de seus respectivos países, e o conceito de populismo é mobilizado para compreender a natureza e o funcionamento desse fenômeno.

Existem, por certo, artigos que trazem o potencial democratizante do populismo, mas em geral são trabalhos teóricos sobre a obra de Ernesto Laclau. Alguns desses trabalhos, aliás, trazem fortes críticas à abordagem laclauiana, rejeitando a tese de que o populismo pode aprofundar a democracia. Nos artigos mais antigos, em contrapartida, era comum a associação do populismo a uma ameaça fiscal, seguindo a linha do populismo econômico. Com o passar do tempo, ao menos nos trabalhos acadêmicos, essa associação parece ter perdido força.

#### **3.2.3.1 Populismo Clássico e Populismo do século XXI**

Dentre as tendências que observamos nos trabalhos coletados, percebemos que alguns artigos utilizam casos do século XX como objeto de pesquisa, enquanto outros lançam mão de casos mais recentes. Foi dessa forma, portanto, que decidimos dividir essa parte da análise: em populismo clássico e populismo do século XXI.

Por populismo clássico entendemos aqueles artigos do corpus que fazem referência, por exemplo, à “Democracia Populista” (1945-1964) e lideranças políticas desse período, como Vargas, João Goulart, Perón e Adhemar de Barros. (COELHO, 2000; KAYSEL, 2013) Percebemos que esses trabalhos são predominantemente mais antigos, ainda que haja alguns recentes que também considerem esses casos. Além disso, reconhecemos algumas palavras-chave, como classe trabalhadora, sindicatos e massas, sugerindo que essas categorias permaneceram centrais para a compreensão do populismo clássico, como discutimos anteriormente.

Dentro dessa categoria, também identificamos alguns artigos que lançam mão da abordagem do “populismo econômico”, que considera o populismo uma ameaça fiscal. Nessa abordagem econômica, destacamos três exemplos que aparecem nesses artigos: a política econômica de Getúlio Vargas, a Política Cambial Chilena (1970-1999) e o Plano de Convertibilidade Argentino implementado por Carlos Menem. Nesses artigos, o termo populismo aparece principalmente como um desqualificador das políticas implementadas por esses governos. (PALERMO, 1997; FONSECA; MONTEIRO, 2005; CUNHA; GALA, 2009; FONSECA; HAINES, 2012)

No entanto, essa abordagem também fica restrita aos trabalhos mais antigos, tendo sido mencionado pela última vez no ano de 2012. Isso sugere que, ao menos na academia, a relação entre populismo e gastos públicos elevados perdeu força. Ainda, acreditamos que as discussões sobre o populismo dos últimos anos priorizam os aspectos propriamente políticos e discursivos – como veremos adiante –, o que acabaria por retirar da análise as políticas econômicas dos governos populistas.

Já na categoria de Populismo do Século XXI, engloba dois dos períodos discutidos no capítulo anterior: o populismo da Onda Rosa e o populismo como fenômeno global. Estudos dessa natureza começam a aparecer no corpus a partir de 2010, inicialmente com análises sobre os populismos de esquerda na América Latina. Em 2015, ocorre pela primeira vez um artigo associando populismo ao movimento *Tea Party* nos Estados Unidos.<sup>10</sup> (MICHAEL, 2015) A partir de então, passam a predominar artigos sobre populismo nos Estados Unidos e na Europa, sobretudo os populistas de extrema-direita. A partir de 2020, o predomínio é principalmente de artigos sobre Jair Bolsonaro, o principal líder da extrema-direita brasileira atualmente.

O que se destaca nesses trabalhos é a associação entre populismo e categorias que trazem uma carga negativa. “Manipulação”, “pós-verdade” e “*fake news*”, por exemplo, são termos que apareceram repetidas vezes. (MORAIS; COSTA; BERNARDI, 2020; VISCARDI, 2020) Outras associações frequentes foram “autoritarismo”, “polarização” e “discurso de ódio”. (CASTRO; SANTOS; BEAL, 2020; MERCURI; LIMA-LOPES, 2020) Se fala, ainda, em uma “tentação populista”. (BARROS, 2020) Assim, a categoria de populismo é frequentemente associada a uma série de atributos negativos, o que torna essa a principal perspectiva a partir da qual o populismo é analisado nos últimos anos.

---

<sup>10</sup> O *Tea Party* consiste em um movimento político de perfil conservador dos Estados Unidos, que surge em 2009. Segundo Guardino e Snyder, o seu surgimento ocorre como resposta não só à crise econômica causada pela Crise de 2008, como também em represália ao presidente democrata Barack Obama, que impulsionava uma agenda (levemente) progressista no país – além de ser o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. (GUARDINO; SNYDER, 2012, p. 530)

### 3.2.3.2 Abordagem teórica

Nesta etapa, codificamos as passagens dos resumos que indicassem o enquadramento teórico dos trabalhos. Diferentemente de outras categorias que trouxemos, como Unidade Territorial e Líderes, nós não estávamos em busca de termos específicos, mas sim de trechos que explicassem qual a abordagem teórica empregada. Para fins ilustrativos, os trechos abaixo foram retirados de elementos do corpus, codificados como “abordagem teórica”:

[...] aproximação teórica entre a análise retórica do discurso e o contexto histórico em que os pronunciamentos de Vargas foram realizados, de modo a contribuir para a caracterização discursivo-identitária, ainda que breve, do populismo (SILVA, 2012, p. 109)

Como marco teórico para a realização da análise sobre os editoriais será aplicado tanto a teoria dos enquadramentos como distintas concepções sobre as ideologias políticas e a análise do discurso [...] (GOLDSTEIN, 2014, p. 1)

No caso desse tipo de codificação, existem recursos que podem auxiliar em uma análise qualitativa mais completa. No caso do software NVivo, é possível gerar uma nuvem de palavras que permite uma melhor visualização dos termos mais frequentes, conforme a Figura 2.

**Figura 2** – Nuvem de palavras por frequência

**Fonte:** elaboração própria

A partir da nuvem de palavras, foi possível fazer uma primeira aproximação com os temas gerais que apareciam nos trechos codificados. Após essa visualização geral, procedemos com a Análise de Conteúdo Qualitativa. Os resultados foram divididos em três categorias, conforme o quadro 2. Nesta etapa, foram analisados 50 artigos, selecionados por amostragem por disponibilidade, e identificamos as abordagens teóricas predominantes destes trabalhos. As categorias foram pensadas a partir de palavras-chave que aparecessem ao longo do texto e que denotavam o enquadramento teórico do trabalho.

**Quadro 2** – Principais abordagens teóricas

Abordagens políticas, históricas e sociológicas	Cultura política, Pensamento político, Teoria democrática, Sociologia e História do trabalho,
Abordagens econômicas	Economia política, Análise macroeconômica
Abordagens semióticas e discursivas	Teorias da linguagem e do discurso, Retórica, Semiologia

**Fonte:** elaboração própria

Em primeiro lugar, identificamos aqueles trabalhos que se inserem em abordagens específicas da Ciência Política e Sociologia. Em trabalhos que utilizam enquadramento teórico



da Cultura Política, por exemplo, as análises enfatizam aqueles que votam em partidos e lideranças populistas, bem como sua influência na opinião pública. (BAQUERO, 2011; CASTRO; SANTOS; BEAL, 2020; MORAIS; COSTA; BERNARDI, 2020) De forma semelhante, os trabalhos de Sociologia e História do Trabalho se debruçam principalmente sobre as organizações sindicais do período do populismo clássico. (ETULAIN, 2007; PEREIRA NETO, 2009)

Além disso, a Teoria Democrática também está bastante presente no corpus. Nesses artigos, predominam as discussões sobre a compatibilidade entre democracia e populismo, além de associar o fenômeno à crise da democracia. (JIMÉNEZ, 2016; CORRÊA; BORGES; PINHÃO, 2017; MENDONÇA, 2019; MACHADO RODRIGUES; BELLATO, 2022) Na categoria de Pensamento Político, temos trabalhos sobre a obra de autores como Francisco Weffort, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Ernesto Laclau. (BRITO, 2005; SILVA, 2014; LIMA, 2017; MUSSI; E CRUZ, 2020)

As abordagens econômicas, por sua vez, se referem principalmente aos estudos sobre populismo econômico. Nestes trabalhos, o populismo é utilizado de forma depreciativa, associado a políticas cambiais e fiscais irresponsáveis que façam um apelo ao eleitorado. O populismo econômico, dessa forma, é visto como um padrão de “desgovernança” (BRESSER-PEREIRA, 2007; FONSECA, 2013)

Finalmente, enfatizamos a presença das abordagens discursivas, que já mencionamos anteriormente. Essa parte da análise endossa o que vínhamos argumentando até agora, que há um crescente interesse nos aspectos discursivos e retóricos do populismo. Nestes estudos, por exemplo, são realizadas análises do discurso em redes sociais e na mídia tradicional. A ênfase, nestes casos, está justamente nos recursos retóricos empregados e na maneira como a comunicação ocorre. (SILVA, 2012; RODRIGUES; FERREIRA, 2020; VISCARDI, 2020; WAINBERG, 2020)

Notamos também a presença da categoria de semiótica, analisando a construção imagética dos líderes populistas o impacto no eleitorado que os acompanha. Enfatiza-se a dimensão sensível e o efeito emocional que essas imagens evocam. (FONTANILLE, 2020; LANDOWSKI, 2020) Ademais, no que se refere aos autores mobilizados nas abordagens discursivas e semióticas, foram citados, além de Ernesto Laclau, outros autores do campo da



Assim como na sessão anterior, realizamos a análise de conteúdo qualitativa, tendo como guia a visão geral que a nuvem de palavras nos oferece. Dessa forma, foi possível identificar quais conceitos eram mobilizados em cada tipo de estudo. Discriminamos quatro temas principais: trabalhos sobre populismo clássico; sobre o populismo de esquerda na América Latina; sobre o populismo de extrema-direita; e discussões teóricas.

**Quadro 3** – Conceitos mobilizados em cada tipo de trabalho

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Conceitos relacionados</b>
Populismo clássico	participação, classe trabalhadora, massas, sindicalismo, industrialização, clientelismo, caudilhismo
Populismo de esquerda na América Latina	legitimação, voto, participação, bolivarianismo, capitalismo, neoliberalismo
Populismo de extrema-direita	ódio, <i>(fake) news</i> , autoritarismo
Discussão teórica	fascismo, hegemonia, (crise) democrática, conservadorismo

**Fonte:** elaboração própria

Nos trabalhos sobre populismo clássico, identificamos primeiramente um elo entre os conceitos de *participação, classe trabalhadora, massas e sindicalismo*. Como pudemos ver com as obras de Weffort e Ianni, o populismo clássico consistiu em uma primeira aproximação dos trabalhadores à vida política. Portanto, é nesse sentido que se mobiliza o conceito de participação. Ainda, podemos identificar as próprias categorias de massa e classe, um debate que foi central nos estudos sobre o período.

Além disso, o termo *industrialização* aparece com frequência nesses trabalhos, normalmente indicando a política de Industrialização por Substituição de Importações (ISI). Como vimos no capítulo 2, esse aspecto do populismo clássico também foi de grande importância para as análises.

Em seguida, temos os trabalhos que tratam sobre o populismo de esquerda na América Latina, a partir dos anos 2000. As primeiras categorias que queremos destacar são *legitimação,*

*voto e participação*. Nesses governos do início do século XXI, houve uma tendência a implementar mecanismos de democracia direta, sobretudo plebiscitos e referendos. Uma crítica que se direciona a alguns desses governos é, justamente, a busca de uma legitimação plebiscitária através desses mecanismos. (LISSIDINI, 2008; WELP, 2018) A maior parte dos trabalhos do corpus que fazem referência a essas categorias trazem uma visão mais negativa, no sentido de enfatizar a ambiguidade dos mecanismos de democracia direta. Como destaca Alicia Lissidini (2008), um dos problemas na Venezuela seria o contexto de implementação desses mecanismos, que era de ataques à democracia representativa. Além disso, haveriam dúvidas quando à lisura dos processos plebiscitários.

Já a categoria de *bolivarianismo* se refere à ideologia associada aos governos desse período que se encontravam mais à esquerda. A origem do termo é, por certo, o Libertador Simón Bolívar, fazendo referência aos seus esforços por uma América Latina livre e independente. O bolivarianismo se caracteriza, principalmente, pelo anti-imperialismo e pela valorização da colaboração latino-americana. (MARTINEZ; PEDROSO, 2016, p. 99) Outro autor que menciona, ainda que brevemente, a categoria de bolivarianismo é Ernesto Laclau, referindo-se à identidade coletiva forjada nos populismos da Onda Rosa. (2006, p. 60)

As categorias de *capitalismo* e *neoliberalismo*, finalmente, se relacionam com o populismo de esquerda uma vez que seu uso aparece de forma crítica. Ou seja, esses conceitos são mobilizados pois representam a ordem à qual esses movimentos de esquerda se opõem.

No caso do populismo de extrema-direita, podemos perceber que a carga dos conceitos relacionados é bastante negativa. Em primeiro lugar, destacamos a categoria *ódio*, que faz referência ao discurso de ódio frequentemente proferido por lideranças de extrema-direita ou por seus apoiadores. Nesses estudos, o populismo de extrema-direita está vinculado ao discurso de ódio, que pode incentivar comportamentos extremistas, mobilizando emoções e afetos.<sup>12</sup> Além disso, o fenômeno das *fake news* aparece como método próprio das extremas-direitas contemporâneas.

Ademais, essa forma de populismo é associada ao *autoritarismo*, configurando o populismo de extrema-direita como uma grande ameaça à ordem democrática, uma vez que

---

<sup>12</sup> Neste ponto, vale a pena mencionar o *giro afetivo* nas ciências sociais. Segundo Clough, o “giro para os afetos” surge, a princípio, como uma resposta dos teóricos críticos às limitações do pós-estruturalismo, ainda que tenha sido profundamente influenciado por ele. Assim, estes teóricos passam a entender os afetos a partir das “respostas corporais” (“*bodily responses*”). (2008, p. 1–3) No que se refere especificamente aos trabalhos sobre populismo, existem trabalhos que levam em conta também os afetos e as paixões. Para Cossarini e Vallespín, as emoções são, primeiramente, um caminho para compreender certos valores compartilhados, visões de mundo e a formação de identidades. Além disso, pelas emoções podemos entender a formação de laços sociais e de formas de ação coletiva. Para os autores, é pelas emoções que os indivíduos atribuem sentido às suas experiências, assim constituindo uma parte relevante para entender a lógica política do populismo. (COSSARINI, 2019, p. 3–4)

lança mão de condutas autoritárias. Assim, o populismo acaba sendo automaticamente associado a um retrocesso democrático, e aqui queremos retomar o argumento de De Cleen, Glynos e Mondon:

Some radical parties are populist, but not all. Radical right parties can be elitist, as many were in the past [...] But even clearly populist radical right parties are much more than merely populist, with exclusionary nationalism and authoritarianism much more central to their political project than populism. (DE CLEEN; GLYNOS; MONDON, 2018, p. 652)

Por fim, no que se refere às discussões teóricas, observamos as outras categorias presentes nos artigos que discutem o conceito em si de populismo. Primeiramente, a relação entre populismo e *fascismo* se refere sobretudo aos casos de Vargas e Perón, tendo em vista o trabalho de Gino Germani (1973) sobre o populismo clássico na América Latina e o fascismo na Europa. Já a categoria de *hegemonia* aparece relacionada com três autores que indicamos na seção 3.2.2.4: Ernesto Laclau, Chantal Mouffe e Antonio Gramsci. A relação entre populismo e hegemonia é bastante frequente na literatura, sendo esses os autores mais recorrentes nas discussões teóricas. Isso se deve, sobretudo, à obra de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, *Hegemonia e Estratégia Socialista*. (1985)

A *crise democrática*, ainda, aparece com bastante recorrência nos artigos recentes, que identificam nessa crise as condições que possibilitaram o surgimento do populismo autoritário contemporâneo. O *conservadorismo* é uma das características desse movimento mais recente, associado principalmente à extrema-direita.

Finalmente, nos debruçamos especificamente sobre os trabalhos empíricos – ou seja, estudos de caso e estudos comparativos – sobre populismo, a fim de identificar quais outros objetos de pesquisa são utilizados nesses trabalhos, para além de casos de países ou líderes específicos. Vale ressaltar que, para os fins do nosso trabalho, consideramos apenas aqueles objetos que sejam do interesse da Ciência Política. Um deles, por exemplo, é a *opinião pública*, um objeto frequente de pesquisas do campo da Cultura Política. Da mesma forma, *voto* e *partidos* também foram levados em conta, aparecendo em trabalhos que investigavam o impacto do populismo nas instituições políticas. Exemplos de partidos citados foram o *Tea Party* (EUA), APRA (México), Podemos (Espanha) e PT (Brasil). (KAYSEL, 2013; MICHAEL, 2015; SCHAVELZON, 2015; CONCEIÇÃO, 2017)

#### 4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões realizadas ao longo deste trabalho, é possível afirmar que os resultados nos permitiram visualizar a tendência geral das publicações sobre populismo em periódicos brasileiros – ou seja, o seu estado da arte. Além disso, pudemos identificar picos de publicações nos últimos anos, bem como os temas que predominaram nestas publicações. Essa análise foi realizada tendo em vista não só a profícua produção intelectual brasileira sobre populismo, mas também as novas abordagens que surgiram nas últimas décadas sobre o tema, que buscam dar conta de um fenômeno cada vez mais global.

Primeiramente, recuperamos a trajetória do conceito de populismo no Pensamento Político Brasileiro, passando pelos clássicos Francisco Weffort e Octavio Ianni. Estas análises são centradas na derrocada das oligarquias no Brasil, no contexto do que chamamos de Populismo Clássico.

Na obra de Weffort, particularmente com base no livro *O Populismo na Política Brasileira* (1978), observamos que o autor não considera o populismo como mera manipulação das massas. Desta forma, Weffort avança na direção da compreensão do populismo como um fenômeno complexo, rejeitando a fórmula simplista da manipulação que era defendida pelos “nacionalistas”. Octavio Ianni, por sua vez, observa que diante dos processos de modernização, houve uma transformação não só da composição da sociedade, mas também das próprias classes sociais. Além disso, o Estado passa por um processo de reestruturação, legitimando suas transformações através dos movimentos de massas.

Posteriormente, analisamos a literatura acerca do neopopulismo, ou seja, o populismo com características econômicas neoliberais, notadamente os casos de Carlos Menem, Fernando Collor e Alberto Fujimori. Estes autores criticam principalmente teorias do populismo econômico, a partir do entendimento de que a dimensão econômica, por si só, não é suficiente para dar conta do fenômeno do populismo.

No início dos anos 2000, observamos o surgimento de governos de esquerda na América Latina, durante a chamada Onda Rosa. Na literatura sobre populismo, casos como Evo Morales, Rafael Correa, Hugo Chávez, Luís Inácio Lula da Silva e Néstor Kirchner são frequentemente mobilizados. Nestes trabalhos, se discute até que ponto esses governos são autoritários ou promotores de uma democracia mais participativa, questionando a tendência desses governos de implementarem mecanismos de democracia direta.

No decorrer do século XXI, o populismo se espalha por todos os continentes e torna-se cada vez mais comum ouvir falar do assunto. Na mesma medida, o número de trabalhos sobre

populismo também aumenta, e com isso novas abordagens para o conceito são desenvolvidas. Neste trabalho, consideramos quatro abordagens recentes para a interpretação do populismo: ideacionária, político-estratégica, discursiva e sociocultural.

Na abordagem ideacionária, o populismo é entendido como uma ideologia fina, ou seja, uma ideologia que não representa por si só uma visão de mundo completa. Por isso, o populismo precisaria de outras ideologias “hospedeiras”, o que explicaria a disparidade ideológica entre certos atores populistas. Já de acordo com a abordagem político-estratégica, o populismo constitui uma estratégia de líderes populistas para estabelecer, por meio de uma comunicação direta com seu eleitorado, uma relação de cumplicidade. Não haveria atributo ideológico algum atrelado ao populismo, sendo somente uma estratégia para chegar ao poder.

As abordagens discursiva e sociocultural, por sua vez, apresentam uma conexão bastante profunda. Por abordagem discursiva, entendemos especificamente os trabalhos de Ernesto Laclau e da escola por ele fundada, a Escola de Essex de Análise do Discurso. A abordagem sociocultural, por sua vez, transita também por outras áreas e métodos, por mais que a influência de Laclau e da Escola de Essex seja importante nestes trabalhos.

Diante dos dados analisados, concluímos que, de fato, houve um *hype populista* nos periódicos brasileiros, que obteve seu pico no ano de 2020. Ou seja, houve uma exaltação do fenômeno do populismo, indicado pelo volume de publicações nos últimos anos. Além disso, como observamos principalmente na seção de análise qualitativa, o populismo do século XXI foi associado principalmente aos casos de extrema-direita, ao autoritarismo e é visto como uma ameaça à democracia. No caso do corpus que dispúnhamos, a maior parte dos artigos publicados no pico de 2020 tratavam sobre o caso de Jair Bolsonaro.

Pudemos observar também outros picos de publicação, como no ano de 2011 e de 2017. Se em 2011 as publicações tratavam sobre o populismo da Onda Rosa na América Latina, em 2017 elas já priorizavam os casos de extrema-direita, sobretudo nos Estados Unidos com a eleição de Donald Trump e a atuação política do *Tea Party*.

Outra tendência que identificamos diz respeito à interdisciplinaridade nos estudos sobre populismo. Por certo, o campo da Ciência Política prevalece como o que mais publica sobre o assunto, mas percebe-se que, enquanto o campo da Economia perdeu influência nesses estudos, a área de Letras e Linguagens tomou espaço. Através da análise qualitativa do corpus, identificamos que os estudos que se debruçam em questões discursivas ganharam popularidade nos últimos anos. Ainda, o crescente interesse nos aspectos discursivos do populismo é reflexo principalmente da influência da obra de Ernesto Laclau, por mais que outros autores da Análise do Discurso também sejam mobilizados.

A influência de Laclau fica nítida quando contabilizamos a quantidade de vezes que o autor fora mencionado nos resumos dos trabalhos. Além dele, Francisco Weffort e Octavio Ianni também foram citados, explicitando o legado da obra desses autores nos estudos sobre populismo no Brasil.

No que se refere à metodologia dos artigos que constituem o corpus, observamos relativo equilíbrio entre trabalhos empíricos e teóricos. Esses trabalhos foram categorizados em estudo de caso e estudos comparados, para a parte empírica, e discussão conceitual, história conceitual e resenha para a parte teórica.

Quanto aos objetos de pesquisa, atentamos primeiramente para quais líderes e quais unidades territoriais apareciam com mais frequência no corpus. Jair Bolsonaro foi o mais citado, seguido de Getúlio Vargas, Donald Trump, Luís Inácio Lula da Silva e Hugo Chávez. Em relação às unidades territoriais, a Argentina teve o maior número de ocorrências, com Brasil e Estados Unidos em seguida.

Além disso, principalmente através da análise qualitativa, pudemos identificar uma divisão temática entre os trabalhos: os que tratam sobre populismo o Populismo Clássico e sobre o Populismo do Século XXI. Os artigos até o ano de 2012 tratavam principalmente sobre o populismo clássico, enquanto nos últimos anos foram priorizados estudos sobre manifestações contemporâneas do fenômeno. Ou seja, a partir do momento que surgem casos mais recentes de populismo, estes foram priorizados em detrimento dos estudos sobre populismo clássico.

Nos artigos que abordam o Populismo Clássico, discute-se questões como sindicalismo e as distinções entre massa e classe. Já nos trabalhos sobre casos do século XXI, existem primordialmente trabalhos que se dedicam ao populismo de direita ou de esquerda. Nos trabalhos sobre o populismo de esquerda, predominam as discussões sobre participação e legitimidade através do voto, além de se mobilizar categorias como *bolivarianismo*. Nos casos de populismo de direita, as discussões se baseiam em categorias como pós-verdade, *fake news* e manipulação. Vale destacar que, nos estudos de casos recente, houve prevalência de abordagens discursivas, lançando mão das teorias da linguagem e da própria obra de Ernesto Laclau.

Diante desses resultados, acreditamos ser possível afirmar que, de fato, houve um *hype* populista nos periódicos brasileiros, com destaque para o ano de 2020. Com este pico de publicações, identificamos que houve uma exaltação desse fenômeno, bem como do conceito de populismo como categoria explicativa, principalmente no que concerne a eleição de Jair Bolsonaro. Dessa forma, há uma associação imediata, nestes trabalhos mais recentes, do



populismo com a extrema-direita – ou seja, como um movimento inerentemente nocivo à ordem democrática, que difunde desinformação e possui tendências autoritárias.

Não é o caso, entretanto, de desmerecer o uso da categoria de populismo em casos de extrema-direita. Se essa categoria, por um lado, é útil para entender fenômenos tanto de esquerda quanto de direita, ela é problemática quando serve para normalizar a extrema-direita. Isso quer dizer que, por vezes, a escolha de chamar um líder de extrema-direita de populista acaba por amenizar a sua conduta, bem como abre a possibilidade de falsas equivalências entre populistas que ameaçam a democracia e populistas que não ameaçam.

Por fim, mencionaremos algumas inquietações que surgiram no decorrer do trabalho, que possam inspirar eventuais trabalhos futuros. Primeiramente, uma vez que os dados do corpus foram coletados em um repositório digital, foram poucos os trabalhos das décadas de 1990 e 2000. Portanto, seria interessante uma pesquisa documental em periódicos físicos, não-digitalizados. Dessa forma, seria possível ter uma visão mais próxima do real volume de publicações sobre populismo nos periódicos científicos. Essa tarefa, no entanto, exigiria muito tempo e recursos.

Além disso, o desenho de pesquisa delineado neste trabalho poderia ser adaptado para outros corpora. Por exemplo, partindo da questão: o que se publica no exterior sobre o populismo no Brasil? Seria possível realizar a coleta em repositórios internacionais – como o *Web of Science* ou *Scopus* – de resumos de artigos que tratam sobre populismo no Brasil, e assim identificar o padrão nessas publicações também.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKKERMAN, T.; DE LANGE, S. L.; ROODUIJN, M. Inclusion and mainstreaming?: Radical right-wing populist parties in the new millennium. *Em: RADICAL RIGHT-WING POPULIST PARTIES IN WESTERN EUROPE*. [s. l.]: Routledge, 2016. p. 1–28.
- BAQUERO, M. Populismo e neopopulismo na América Latina: o seu legado nos partidos e na cultura política. **Sociedade e Cultura**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 181–192, 2011.
- BARROS, A. T. D. L. de. A tentação populista segue viva. **Em Tese**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 127–132, 2020.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *Em: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017. p. 189–217.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Economia política da desgovernança global. **Estudos Econômicos**, [s. l.], v. 37, 2007.
- BRITO, J. G. de. Octávio Ianni: da metamorfose do povo à democracia popular. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 11, 2005. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10550>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- CAMMACK, P. The resurgence of populism in Latin America. **Bulletin of Latin American Research**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 149–161, 2000.
- CANOVAN, M. **Populism**. 1. ed. New York: Harcourt Brace Janovich, 1981. p. 345
- CASTRO, H. C. de O. de; SANTOS, D. de O.; BEAL, L. I. A insatisfação política e a ascensão do autoritarismo-populista: uma análise da América do Sul e da Europa. **Revista debates (Porto Alegre)**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 99–125, 2020.
- CASULLO, M. E. Líder, héroe y villano: los protagonistas del mito populista. **Nueva Sociedad**, [s. l.], n. 282, p. 57–68, 2019.
- CASULLO, M. E. The Body Speaks Before It Even Talks: Deliberation, Populism and Bodily Representation. **Journal of Deliberative Democracy**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 27–36, 2020.
- CHARAUDEAU, P. **A Conquista da Opinião Pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2018.
- CLOUGH, P. T. The Affective Turn: Political Economy, Biomedicine and Bodies. **Theory, Culture & Society**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 1–22, 2008.
- COELHO, S. A. Democracia cristã e populismo: um marco histórico comparativo entre o Brasil e o Chile. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 16, p. 67–82, 2000.

- CONCEIÇÃO, B. Partido dos Trabalhadores e populismo Estudo de caso da ascensão do PT no município de Gravataí – RS (1992-2016). **Agenda política (São Carlos, São Paulo, Brazil)**, [s. l.], v. 1, n. 2, 2017.
- CORRÊA, A. L. M.; BORGES, A. W.; PINHÃO, K. A. G. Análise do populismo na democracia: entre as emoções e o racionalismo. **Revista Videre**, [s. l.], v. 9, n. 17, p. 188–202, 2017.
- COSSARINI, P. Filling the Vacuum? Passion, ‘the People’, and Affective Communities. *Em*: COSSARINI, P.; VALLESPÍN, F. (org.). **Populism and Passions: Democratic Legitimacy after Austerity**. New York: Routledge, 2019. p. 135–147.
- CUNHA, P. H. F.; GALA, P. Do populismo às bandas cambiais: a evolução da política cambial no Chile de 1970 a 1999. **Brazilian Journal of Political Economy**, [s. l.], v. 29, 2009.
- DE BARROS, T. Z.; LAGO, M. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DE CLEEN, B. The conservative political logic: A discourse-theoretical perspective. **Journal of Political Ideologies**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 10–29, 2017.
- DE CLEEN, B.; GLYNOS, J.; MONDON, A. Critical research on populism: Nine rules of engagement. **Organization**, [s. l.], v. 25, n. 5, p. 649–661, 2018.
- DE LA TORRE, C. Redentores populistas en el Neoliberalismo: nuevos y viejos populismos latinoamericanos. **Revista Española de Ciencia Política**, [s. l.], v. 0, n. 4, p. 171–196, 2001.
- DE LA TORRE, C. The Ambiguous Meanings of Latin American Populisms. **Social Research**, [s. l.], v. 59, n. 2, p. 385–414, 1992.
- DI TELLA, T. S. Populismo y Reformismo. *Em*: GERMANI, G.; IANNI, O.; TELLA, T. S. D. **Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica**. México: Ediciones Era, 1973.
- DORNBUSCH, R.; EDWARDS, S. The macroeconomics of populism. *Em*: THE MACROECONOMICS OF POPULISM IN LATIN AMERICA. [S. l.]: University of Chicago Press, 1991. p. 7–13. *E-book*. Disponível em: <http://www.nber.org/chapters/c8295>.
- ETULAIN, C. R. Peronismo e orígenes dos operários na Argentina. **Estudos de Sociologia**, [s. l.], v. 10, n. 18, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/120>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- FONSECA, P. O mito do populismo econômico de Vargas. *Em*: OS BOÊMIO CÍVICOS: A ASSESSORIA ECONÔMICO-POLÍTICA DE VARGAS (1951-54). Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado, 2013.
- FONSECA, P. C. D.; HAINES, A. F. Desenvolvimentismo e política econômica: um cotejo entre Vargas e Perón. **Economia e Sociedade**, [s. l.], v. 21, 2012.
- FONSECA, P. C. D.; MONTEIRO, S. M. M. Credibilidade e populismo no Brasil: a política econômica dos governos Vargas e Goulart. **Revista brasileira de economia**, [s. l.], v. 59, n. 2, p. 215–243, 2005.

FONTANILLE, J. Populismo: o grande levante semiótico. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 28, p. 47–75, 2020.

GENTILE, F. Populismo e ciências sociais brasileiras:: desafios teóricos e metodológicos. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, [s. l.], v. 10, n. 24 SE-Dossiê, p. 49–65, 2020.

GERMANI, G. Democracia representativa y clases populares. *Em*: POPULISMO Y CONTRADICCIONES DE CLASE EN LATINOAMÉRICA. Ciudad de México: Ediciones Era, 1973.

GLYNOS, J.; MONDON, A. The political logic of populist hype: The case of right-wing populism's 'meteoric rise' and its relation to the status quo. [s. l.], 2016.

GOLDSTEIN, A. A. Del “líder pragmático” al “populismo chavista”: Lula en los editoriales de O Estado de S. Paulo durante su primer gobierno. **Revista Alterjor**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 1–37, 2014.

GOMES, A. de C. Reflexões em torno de populismo e trabalhismo. **Varia Historia**, [s. l.], n. 28, p. 55–68, 2002.

GRIGERA, J. Populism in Latin America: Old and new populisms in Argentina and Brazil. **International Political Science Review**, [s. l.], v. 38, n. 4, p. 441–455, 2017.

GUARDINO, M.; SNYDER, D. The Tea Party and the Crisis of Neoliberalism: Mainstreaming New Right Populism in the Corporate News Media. **New Political Science**, [s. l.], v. 34, n. 4, p. 527–548, 2012.

HAWKINS, K. A.; ROVIRA KALTWASSER, C.; ANDREADIS, I. The Activation of Populist Attitudes. **Government and Opposition**, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 283–307, 2020.

HOWARTH, D.; NORVAL, A. J.; STAVRAKAKIS, Y. **Discourse Theory and Political Analysis: Identities, Hegemonies, and Social Change**. [S. l.]: Manchester University Press, 2000. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8jccAQAAIAAJ>.

HUNGER, S.; PAXTON, F. What's in a buzzword? A systematic review of the state of populism research in political science. **Political Science Research and Methods**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 617–633, 2022.

IANNI, O. **A Formação do Estado Populista na América Latina**. 2ªed. São Paulo: Ática, 1989.

IANNI, O. Populismo y relaciones de clase. *Em*: GERMANI, G.; DI TELLA, T. S.; IANNI, O. (org.). **Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica**. Ciudad de México: Era, 1973. p. 83–150.

JIMÉNEZ, A. R. El debate sobre la construcción del orden democrático y sus condiciones. **Revista Debates**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 131–152, 2016.

KALTWASSER, C. R. Latin American Populism: Some Conceptual and Normative Lessons. **Constellations**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 494–504, 2014.

KALTWASSER, C. R. *et al.* **The Oxford Handbook of Populism**. New York: Oxford University Press, 2017.

KAYSEL, A. Crise, Hegemonia e Participação Popular: o Nacional-Popular no Peru e no Brasil. [s. l.], v. 1, n. 3, 2013.

KEFFORD, G.; MOFFITT, B.; WERNER, A. Populist Attitudes: Bringing Together Ideational and Communicative Approaches. **Political Studies**, [s. l.], p. 003232172199774, 2021.

KNIGHT, A. Populism and neo-populism in Latin America, especially Mexico. **Journal of Latin American Studies**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 223–248, 1998.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: an introduction to its methodology**. 2. ed. California: SAGE, 2004.

LACLAU, E. La deriva populista y la centroizquierda latinoamericana. **Nueva sociedad**, [s. l.], v. 205, n. 1, p. 56–62, 2006.

LACLAU, E. **On Populist Reason**. [S. l.]: Verso, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=P-awwgEACAAJ>.

LACLAU, E. **Politics and Ideology in Marxist Theory: capitalism, fascism, populism**. London: NLB, 1977.

LANDOWSKI, E. Crítica semiótica do populismo. **Galáxia (São Paulo)**, [s. l.], 2020.

LIMA, P. L. Entre massas afônicas e o interesse soberano : Fernando Henrique Cardoso e a gênese marxista da teoria do populismo no Brasil. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 26, n. 1, p. 118–148, 2017.

LISSIDINI, A. La democracia directa en Venezuela: ¿democracia participativa o democracia plebiscitaria?. **C2D Working Paper Series**, [s. l.], v. 1, n. 25, 2008.

LYNCH, C. E. C. Cartografia do pensamento político brasileiro: conceito, história, abordagens. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [s. l.], p. 75–119, 2016.

MACHADO RODRIGUES, T.; BELLATO, C. A Crise da Democracia Liberal no Início do Século XXI: Duas Abordagens da Teoria Política. **Agenda Política**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 253–279, 2022.

MARGRIT SCHREIER. **Qualitative Content Analysis in Practice**. Londres: SAGE, 2012.

MARTINEZ, A. J. G.; PEDROSO, C. S. Múltiplas arenas em conjuntura internacional: mudanças na América do Sul sob a perspectiva da Venezuela pós-Chávez. *Em*: AYERBE, L. F. (org.). **Análise de conjuntura em relações internacionais: abordagens e processos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

MENDONÇA, D. D. Democratas têm medo do povo? O populismo como resistência política. **Caderno CRH**, [s. l.], v. 32, n. 85, p. 185, 2019.

MERCURI, K. T.; LIMA-LOPES, R. E. de. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 59, n. 2, p. 1216–1238, 2020.

MICHAEL, G. O Tea Party e a batalha pelo futuro dos Estados Unidos. **Estudos Ibero-Americanos**, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 307–327, 2015.

MOFFITT, B. **Populism**. Cambridge: Polity Press, 2020. p. 170

MOFFITT, B. **The Global Rise of Populism**. 1. ed. [S. l.]: Stanford University Press, 2016. *E-book*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctvqsd8>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MONDON, A.; WINTER, A. **Reactionary democracy: How racism and the populist far right became mainstream**. [S. l.]: Verso Books, 2020.

MORAIS, J. A. de; COSTA, A. L. V.; BERNARDI, A. J. B. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. **Revista debates (Porto Alegre)**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 126–149, 2020.

MUDDE, C. The Populist Zeitgeist. **Government and Opposition**, [s. l.], v. 39, n. 4, p. 541–563, 2004.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. **Populism: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2017.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. **Populism in Europe and the Americas: Threat or corrective for democracy?** New York: Cambridge University Press, 2012.

MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. Exclusionary vs. Inclusionary Populism: Comparing Contemporary Europe and Latin America. **Government and Opposition**, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 147–174, 2013.

MUSSI, D.; E CRUZ, A. K. V. Os Populismos de Francisco Weffort. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 35, n. 104, 2020.

O'DONNELL, G. Democracia delegativa?. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 31, p. 25–40, 1991.

OSTIGUY, P. A socio-cultural approach. *Em*: OSTIGUY, P. *et al.* (org.). **Oxford handbook of populism**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 74–96.

OSTIGUY, P. **The high and the low in politics: a two-dimensional political space for comparative analysis and electoral studies**. [S. l.]: The Helen Kellog Institute for international studies, 2009.

PALERMO, V. Populismo Temperado: Uma Interpretação Política do Plano de Convertibilidade Argentino de 1991. **Dados**, [s. l.], v. 40, 1997.

PEREIRA NETO, M. L. A fábrica, o sindicato, o bairro e a política: a “reinvenção” da classe trabalhadora de São Paulo (1951-1964). **Revista Mundos do Trabalho**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 225–257, 2009.

PETRONE, M.; MACKINNON, M. M. Los Complejos de la Cenicienta. *Em*: MACKINNON, M. M.; PETRONE, M. (org.). **Populismo y neo populismo en America Latina: El Problema de la Cenicienta**. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1999. p. 11–58.

RAGIN, C. C. **Fuzzy-set social science**. [s. l.]: University of Chicago Press, 2000.

REIS, D. A. Estado e Trabalhadores: O Populismo em questão. **Locus: Revista de História**, [s. l.], v. 13, n. 2 SE-Artigos, 2011.

REIS, D. A. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. *Em*: FERREIRA, J. (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 321–377.

RODRIGUES, T.; FERREIRA, D. Estratégias Digitais dos Populismos de Esquerda e de Direita: Brasil e Espanha Em Perspectiva Comparada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 59, 2020.

RONDEROS, S.; BARROS, T. Z. de. Populismo e Antipopulismo na Política Brasileira: Massas, Lógicas Políticas e Significantes em Disputa. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, [s. l.], v. 12, n. 36, p. 31–48, 2020.

ROODUIJN, M. State of the field: How to study populism and adjacent topics? A plea for both more and less focus. **European Journal of Political Research**, [s. l.], v. 58, n. 1, p. 362–372, 2019.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. [s. l.], 2021.

SARTORI, G. Concept Misformation in Comparative Politics. **American Political Science Review**, [s. l.], v. 64, n. 4, p. 1033–1053, 1970.

SCHAVELZON, S. A Formação do Podemos: América do Sul, Populismo Pós-colonial e Hegemonia Flexível. **Novos estudos CEBRAP**, [s. l.], 2015.

SILVA, A. M. Discurso e identidade: breve caracterização linguístico-discursiva do populismo. **Linha D'Água**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 109, 2012.

SILVA, L. G. T. da. Ernesto laclau (1935-2014): a trajetória de um legado às ciências sociais. **Cadernos de Estudos Sociais**, [s. l.], v. 1, n. 29, p. 195–211, 2014.

STAVRAKAKIS, Y. *et al.* Populism, anti-populism and crisis. **Contemporary Political Theory**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 4–27, 2018.

STAVRAKAKIS, Y.; JÄGER, A. Accomplishments and limitations of the ‘new’ mainstream in contemporary populism studies. **European Journal of Social Theory**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 547–565, 2018.

TOWNSHEND, J. Discourse Theory and Political Analysis: A New Paradigm from the Essex School?. **The British Journal of Politics and International Relations**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 129–142, 2003.

- TRINDADE, H. Eleições presidenciais de 89 no Cone Sul e desafios da construção democrática. *Em*: TRINDADE, H. **América Latina: eleições e governabilidade democrática**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1991.
- VARGAS, M. G.; HIGUITA, C. G.; MUÑOZ, D. A. J. El estado del arte: una metodología de investigación. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, [s. l.], v. 2, n. 6, p. 423–442, 2015.
- VILAS, C. M. ¿Populismos reciclados o neoliberalismo a secas? El mito del “neopopulismo” latinoamericano. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 22, n. 2, p. 135–151, 2004.
- VISCARDI, J. M. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 59, 2020.
- WAINBERG, J. A. Populismo, emoção e a corrupção da linguagem. **Intexto**, Porto Alegre, v. Maio/agost, n. 49, p. 72–87, 2020.
- WEFFORT, F. C. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- WELP, Y. El referéndum ante la crisis de legitimidad: ¿solución o síntoma del problema? Un análisis de América del Sur en el siglo XXI. *Em*: SOLDEVILLA, F. T. **Partidos políticos y elecciones. Representación política en América Latina**. Perú: JNE, 2018. p. 145–159.
- WEYLAND, K. Neoliberal Populism in Latin America and Eastern Europe. **Comparative Politics**, [s. l.], v. 31, n. 4, p. 379–401, 1999.
- WEYLAND, K. Neopopulism and neoliberalism in Latin America: Unexpected affinities. **Studies in Comparative International Development**, [s. l.], v. 31, n. 3, p. 3–31, 1996.
- WEYLAND, K. Populism: A Political-Strategic Approach. *Em*: KALTWASSER, C. R. *et al.* (org.). **The Oxford Handbook of Populism**. [S. l.]: Oxford University Press, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803560.001.0001>. Acesso em: 8 out. 2022.
- WEYLAND, K. The Threat from the Populist Left. **Journal of Democracy**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 18–32, 2013.



## ANEXO A – LIVRO DE CÓDIGOS

### LIVRO DE CÓDIGOS

Este livro de códigos foi elaborado no contexto da pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado. A partir dele, os resumos de 100 artigos, publicados entre 1997 e 2021, foram analisados.

Observações:

A unidade de análise é o resumo, o título e as palavras-chave do artigo.

(88) missing

(99) não se aplica

#### **1. Identificador do artigo**

Código de identificação no seguinte modelo: tit\_n, onde n = posição do artigo em ordem cronológica.

Ex: tit\_01, tit\_02...

#### **2. Revista**

Escrever nome do periódico.

#### **3. Ano de publicação**

Ano no qual o artigo foi publicado.

#### **4. Título**

Copiar título do artigo.

#### **5. Resumo e palavras-chave**

Copiar o resumo e, se houver, as palavras-chave

#### **6. Autores**

Copiar o nome dos autores.

#### **7. Instituição do primeiro autor**

Identificar a última filiação institucional ou a instituição atual do primeiro autor.

Em seguida, identificar a **região** dessa instituição:

(1) Sul (2) Sudeste (3) Centro-Oeste (4) Norte (5) Nordeste (6) Estrangeiro

### **8. Área de atuação do primeiro autor**

Área na qual o primeiro autor obteve seu título mais alto.

(1) Ciência Política (2) História (3) Sociologia (4) Direito (5) Economia (6) Ciências Sociais

(7) Antropologia (8) Letras (9) Comunicação (10) Filosofia (11) Relações Internacionais

### **9. Metodologia empregada**

(1) Comparada

(2) Estudo de caso

(3) Discussão conceitual

(4) História intelectual

(5) Resenha

## ANEXO B – LISTA DE PERIÓDICOS

<b>PERIÓDICO</b>	<b>F</b>	<b>ÁREA</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>
<b>Debates</b>	6	CIÊNCIA POLÍTICA	UFRGS
<b>Trabalhos em linguística aplicada</b>	5	LINGUAGENS	UNICAMP
<b>Teoria &amp; Pesquisa</b>	4	CIÊNCIA POLÍTICA	UFSCar
<b>Sociologia e Política</b>	4	CIÊNCIA POLÍTICA; SOCIOLOGIA POLÍTICA	UFPR
<b>Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas</b>	4	CIÊNCIAS SOCIAIS	UnB
<b>Locus</b>	4	HISTÓRIA	UFJF
<b>Cadernos de Campo</b>	3	ANTROPOLOGIA	USP
<b>Agenda política</b>	3	CIÊNCIA POLÍTICA	UFSCar
<b>Revista Sul-Americana de Ciência Política</b>	3	CIÊNCIA POLÍTICA	UFPEL
<b>Sociedade e Cultura</b>	3	CIÊNCIAS SOCIAIS	UFG
<b>Em Tese</b>	2	CIÊNCIA POLÍTICA; SOCIOLOGIA	UFSC
<b>Tempo</b>	2	CIÊNCIAS HUMANAS	UFF
<b>Caderno CRH</b>	2	CIÊNCIAS SOCIAIS	UFBA
<b>Plural</b>	2	CIÊNCIAS SOCIAIS	USP
<b>Galáxia</b>	2	COMUNICAÇÃO	PUCSP
<b>Revista Alterjor: jornalismo popular e alternativo</b>	2	COMUNICAÇÃO	USP
<b>Economia e sociedade</b>	2	ECONOMIA	Unicamp
<b>Revista de Economia Política</b>	2	ECONOMIA	Centro de Economia Política
<b>Cadernos De Filosofia Alemã</b>	2	FILOSOFIA	USP
<b>Estudos Históricos</b>	2	HISTÓRIA	FGV
<b>Estudos ibero-americanos</b>	2	HISTÓRIA	PUCRS
<b>Revista Mundos de Trabalho</b>	2	HISTÓRIA	UFSC
<b>Revista Brasileira de Ciência Política</b>	1	CIÊNCIA POLÍTICA	UnB
<b>História, Ciências, Saúde-Manguinhos</b>	1	CIÊNCIAS DA SAÚDE	Fundação Oswaldo Cruz

<b>Cadernos de estudos sociais</b>	1	CIÊNCIAS SOCIAIS	Fundação Joaquim Nabuco
<b>Dados</b>	1	CIÊNCIAS SOCIAIS	UERJ
<b>Perspectivas</b>	1	CIÊNCIAS SOCIAIS	UNESP
<b>Revista Brasileira de Ciências Sociais</b>	1	CIÊNCIAS SOCIAIS	ANPOCS
<b>Intexto</b>	1	COMUNICAÇÃO	UFRGS
<b>Revista Brasileira de História da Mídia</b>	1	COMUNICAÇÃO	UFPI
<b>Revista eletrônica do curso de Direito da UFSM</b>	1	DIREITO	UFSM
<b>Revista Videre</b>	1	DIREITO	UFGD
<b>Estudos Econômicos</b>	1	ECONOMIA	USP
<b>Mises</b>	1	ECONOMIA	Instituto Mises Brasil
<b>Revista brasileira de economia</b>	1	ECONOMIA	FGV
<b>Revista Eletrônica de Educação</b>	1	EDUCAÇÃO	UFSCar
<b>Aurora</b>	1	FILOSOFIA	PUCPR
<b>Revista Brasileira de História</b>	1	HISTÓRIA	ANPUH
<b>Albuquerque</b>	1	HISTÓRIA	UFMS
<b>Antíteses</b>	1	HISTÓRIA	UEL
<b>Fronteiras &amp; Debates</b>	1	HISTÓRIA	UNIFAP
<b>História da Historiografia</b>	1	HISTÓRIA	UFOP/UNIRIO/UFRGS
<b>Revista de História Regional</b>	1	HISTÓRIA	UEPG
<b>Tempo e Argumento</b>	1	HISTÓRIA	UDESC
<b>Revista brasileira de história &amp; ciências sociais</b>	1	HISTÓRIA; CIÊNCIAS SOCIAIS	FURG
<b>Cadernos Pagu</b>	1	INTERDISCIPLINAR	Unicamp
<b>Cadernos PROLAM/USP</b>	1	INTERDISCIPLINAR	USP
<b>Novos Estudos CEBRAP</b>	1	INTERDISCIPLINAR	CEBRAP
<b>Diálogos</b>	1	LINGUAGENS	UFMT
<b>Estudos Semióticos</b>	1	LINGUAGENS	USP
<b>Linha d'água</b>	1	LINGUAGENS	USP
<b>Revista de estudos da linguagem</b>	1	LINGUAGENS	UFMG
<b>Conjuntura Austral</b>	1	RELAÇÕES INTERNACIONAIS	UFRGS

<b>Horizonte</b>	1	RELIGIÃO	PUC Minas
<b>Textos &amp; contextos</b>	1	SERVIÇO SOCIAL	PUCRS
<b>Estudos de sociologia</b>	1	SOCIOLOGIA	Unesp
<b>Sociedade e estado</b>	1	SOCIOLOGIA	UnB
<b>Política &amp; sociedade</b>	1	SOCIOLOGIA; CIÊNCIA POLÍTICA	UFSC